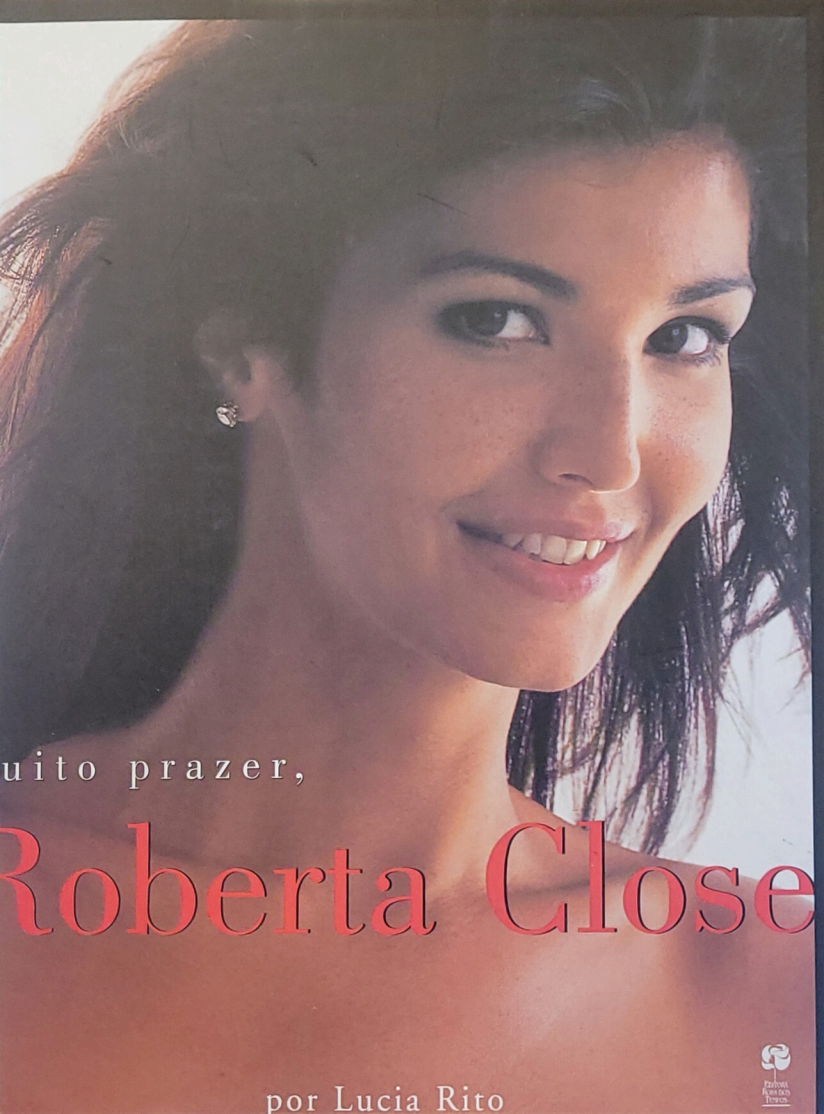

uito prazer,
Roberta Close
por Lucia Rito

Quem procura biografias de celebridades para se deliciar com tópicos escandalosos certamente vai se decepcionar com este livro, mas nem muito. Quem rejeita volumes de informação científica por acreditar que sua leitura é sempre tediosa pode deixar este livro escapar. Mas vai se arrepender. Em *Muito prazer, Roberta Close*, Lucia Rito conseguiu reunir doses exátas de escândalo e ciência para reconstruir a trajetória mirabolante de um ser humano que despertou a curiosidade de um país inteiro. Na melhor tradição das biografias dos astros de Hollywood ou de componentes da família real britânica, Lucia conta tudo, tudinho, sobre a vida do transexual (hermafrodita? travesti?) que deixa o Brasil mais ofegante cada vez que chega a uma capa de revista, aparece na televisão, é destaque de coluna social ou surge numa festa de carnaval.

Lucia Rito

Muito prazer,
Roberta Close

EDITORA
ROSA DOS
TEMPOS

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Close, Roberta
C578m Muito prazer, Roberta Close / Roberta Close e Lucia Rito. — Rio de Janeiro; Record; Rosa dos Tempos, 1998.

1. Close, Roberta. 2. Transexuais — Brasil — Biografia. I. Rito, Lucia. II. Título.

CDD 926.168583
98-0435 CDU 92(CLOSE, R.)

Copyright © 1998 by Roberta Close Produções Artísticas Ltda. e Saque Sagaz Promoções

Projeto gráfico — Jair de Souza
Assistente — Tatiana Guimarães
Fotos de capa e quarta capa — Márcia Ramalho

Direitos exclusivos desta edição adquiridos pela
EDITORA ROSA DOS TEMPOS
Um selo da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.
Rua Argentina 171 — 20921.380 Rio de Janeiro, RJ — Tel: 5852000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05240-X

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23052
Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

A todos os que lutam para conquistar seus desejos

Agradecimentos

A Rose Marie Muraro, aos pais de Roberta, Maria e Roberto Gambine, e ainda a Jayme Plotkowski, Jair de Souza, Arthur Xexéo, Leonel Kaz, Licia Olivieri, Maria Theresa dos Anjos, Cleusa Maria, Lucia Helena Sippeman, Sandra Chaves, Maria Braga, Joaquim Ferreira dos Santos, Roberto Benjó e Celso Cunha Jr.

E também a Ricardo Faia pela transcrição das fitas e aos especialistas entrevistados — a advogada Maria Dayse de Oliveira Cysneiros e os médicos Marcos Gomes, urologista, e Roberto Farina, cirurgião plástico.

E aos fotógrafos Cristina Granato, Luis Tripolli, Marisa Alves de Lima, Paulo Rocha, Rogério Erlich, Ricardo Chaves, J. R. Duran, Lula Rodrigues.

Sumário

Prefácio

Abertura
Abril de 1977: aeroporto de Heathrow, Londres 16
1971: primeiro grau, Escola Guatemala 19

1. Na Europa, ela é Luiza
Dona de casa pacata 28

2. Um deslize da natureza
A descoberta da diferença 47
Solidão e medo 50
A fuga para São Paulo 54

3. A decisão de correr riscos
A primeira vez 67
As brigas em casa 72
O alistamento militar 74

4. O que não dá para esquecer
Os preconceitos 87
Consultório sentimental 88

5. Tudo ou nada
Roberta Close vira mito 110
Namorar era complicado 117

6. O céu é o limite
Bye bye Brasil 154
A descoberta do Primeiro Mundo 155

7. Corte radical
Minorias sexuais 169
Onde operar? 172
Uma data especial 175
Dor e prazer 177

8. Acordando mulher
A primeira noite de uma mulher 187
Aprendendo a ser mulher 191

9. Os "mil" homens da minha vida
Taras e fantasias 206
O disse-me-disse 211

10. De volta para o futuro
A luta pela identidade feminina 226
Devota de Santa Rita de Cássia 229

Posfácio

Referência bibliográfica

"(...) Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje. Havia três sexos humanos e não apenas, como hoje, dois: o masculino, o feminino e mais um, composto ao mesmo tempo dos dois primeiros. (...) O masculino era descendente de Hélios (Sol), o feminino, de Géia (Terra) e o que participa dos dois, de Selene (Lua) a qual, como se sabe, participa tanto de um como de outro."

Platão, *O banquete*

Prefácio

Cá entre nós,

Roberta Close é alta, tem o corpo escultural e transmite um prazer genuíno de quem conseguiu sobreviver às dificuldades de seu sexo e conquistar o que tanto sonhava.

Em nosso primeiro encontro ela compareceu deslumbrante, num tubinho branco, a pele muito bronzeada. Levava debaixo do braço a *Marie Claire* francesa com a entrevista sobre ela e mostrava-se disposta a mergulhar nas lembranças, nem sempre prazerosas, de sua vida.

Nossa *sex symbol* revelou-se, aos poucos, uma pessoa extremamente cuidadosa e delicada. Não adianta ter pressa com Roberta Close. Falta a ela o ritmo frenético esperado. O que gosta de fazer, faz com vagar. Aprendeu, na sossegada Suíça onde vive, a não se estressar.

Mesmo calma, Roberta Close acostumou-se a uma rotina de imprevistos. Ela vive ao sabor dos acontecimentos e, dependendo do dia, de quem telefona, das propostas de trabalho que recebe, tudo pode, de um momento para o outro, mudar.

O desejo de falar de si para este livro era sua prioridade nesse verão de 98 e, por isso, nossos encontros posteriores raramente foram desmarcados. Tivemos mais de 15 horas de gravações e bate-papos para montar o quebra-cabeça que desvenda sua história.

Nas primeiras entrevistas ela me olhava muito desconfiada, como se duvidasse de minhas boas intenções, avaliando até onde iríamos chegar.

Com o tempo, tornamo-nos cúmplices e choramos juntas nas passagens mais dolorosas de sua vida: as lembranças dos preconceitos que enfrentou, a adolescência conturbada, a convalescência da operação.

Meu desejo é que o resultado vá além da trajetória de Roberta Close e que este livro reflita o modo de vida de um grande número de pessoas que, por nascerem diferentes, ainda são tratadas com preconceitos vitorianos pela sociedade.

Lucia Rito — fevereiro de 1998

NACIONALIDADE BRASILEIRA - NATIONALITE BRÉSILIENNE B

Nome / Nom / Name: LUIZ ROBERTO GAMBINE MOREIRA

Sexo / Sexe / Sex: MAS

Lugar e data do nascimento / Lieu et date de naissance / Place and date of birth: RIO DE JANEIRO/RJ 07 dez 1964

Filiação / Noms des parents / Fathers and mothers name: ROBERTO GAMBINE MOREIRA E MARIA SIMOES MOREIRA

Repartição expedidora - Délivré par - Issued by: SR/DPF/RJ - SERVIÇO DE POLÍCIA MARÍTIMA AÉREA E DE FRONTEIRAS RIO DE JANEIRO

Válido até - Valable jusqu'au - Valid until: 27 / AGO / 200

Data da expedição - Délivré le - Issued: 28 / AGO / 1

Abril de 1997: aeroporto de Heathrow, Londres.

Todos os passageiros já desembarcaram do vôo de Zurique. Fizeram o *check-in* e os agentes da polícia federal preparavam-se para partir, mas a morena alta de belos cabelos compridos, vestido justo, ar de manequim, ainda hesita em dirigir-se ao balcão e apresentar o passaporte.

O agente uniformizado faz um sinal nervoso com a mão para ela se apressar. Em seguida, examina o documento mecanicamente. Mas a tranqüilidade dura pouco. Logo, logo, suas feições mudam e ele demonstra incredulidade. O nome, escrito no local da identificação — Luiz Roberto Gambine —, e o sexo masculino, assinalado no quadradinho adequado, destoam radicalmente da figura sorridente e queimada de sol a sua frente. Ele coça a cabeça e inicia o questionário de sempre:

— Sr. Luiz Roberto? Que brincadeira é essa?

— É o único passaporte que eu tenho — diz em voz baixa e resignada a bela jovem. — No meu país não me deixam trocar de nome...

— Assim não é possível, explique-se melhor — diz o agente desconcertado.

— Nasci hermafrodita e agora sou mulher. O senhor tem alguma dúvida? — E ilustra o que diz, retirando da bolsa alguns recortes de revistas e jornais.

— Um momento, vou chamar alguém para examiná-la.

A seguir, uma policial manda a moça tirar a roupa. Olha abismada para o corpo bonito que se esconde sob o vestido e dá seu veredicto:

— É mesmo uma mulher de verdade!

Ao sair da cabine, Roberta percebe que dessa vez será mais difícil do que nunca, ao ver o agente acompanhado por mais meia dúzia de policiais nada simpáticos.

— Não acreditamos em sua história. Desconfiamos que você seja um terrorista irlandês disfarçado de mulher.

Roberta fica desesperada. Uma situação como essa ela nunca tinha enfrentado. E apesar de suas súplicas, é levada para a prisão, humilhada pelos policiais ingleses que a mandam tirar a roupa e ficam debochando de seu corpo. Passam-se algumas horas de muito choro e confusão e só então decidem libertá-la.

A ocorrência mereceu uma notinha discreta no *Jornal do Brasil*, na edição de 24 de abril de 1997.

Aos sete anos, na escola primária

1971: Primeiro grau, Escola Guatemala

A criança tímida, sorriso feminino, entrou enfim para a escola. Aos sete anos, ela parece diferente dos demais, com seus gestos excessivamente cuidadosos. Vive com medo de que descubram que seu sexo atrofiado — o membro, muito pequeno, sem testículos à vista — só é usado para urinar, e sente-se desconfortável naquelas roupinhas de menino, que os pais insistem que use.

Ao entrar na sala, a criança percebe que as meninas são levadas para brincar e corre atrás delas. Vê uma imensa casa de bonecas montada num canto. Num impulso instintivo, corre para pegar a primeira boneca que vê e começa a embalá-la.

— Sai daí menino! Aqui é lugar de menina, sai pra lá — repreende a professora.

Entre as duas cenas passaram-se 26 anos, mas a convivência com uma ambigüidade angustiante nas situações do

dia-a-dia são sensações que sempre perseguem Roberta Close, onde quer que ela esteja ou aonde vá. Desde 1964, quando por obra e graça da natureza veio ao mundo com o sexo atrofiado e com sensações femininas, não teve um momento de completa paz.

Seu crescimento, sua opção radical pela porção-mulher e sua transformação de Luiz Roberto em Roberta Close foram insuficientes para que a sociedade a aceitasse como membro da comunidade feminina. E, hoje, Roberta tem uma carteira de identidade que briga com sua imagem.

Roberta Close poderia optar pela cidadania italiana — apelando para a descendência paterna — ou Suíça — casando-se com um estrangeiro —, esquecendo o Brasil e vivendo na Europa como pessoa normal. Mas sabe que nunca seria verdadeiramente feliz longe de sua terra.

Ela está cansada de peregrinar pelos aeroportos, consultórios médicos e salas de advogados. Juridicamente no Brasil a situação de Roberta permanece inalterada.

1

Na Europa, ela é Luiza

Para os brasileiros eu não sou homem, não sou mulher, não sou travesti, nem homossexua

Ora bolas, o que é que eu sou? Um ET?

No centro de Zurique, num apartamento de classe média de dois quartos e sala ampla, Luiza Gambine vive com o suíço Roland Grãnacher há quatro anos. Ele é gerente de produtos de uma fábrica multinacional de turbina de aviões e conquistou a morena por causa de seu ar de menino bem comportado. Os dois se conheceram num bar e em pouco tempo estavam morando juntos. Luiza jura que durante um ano escondeu do companheiro sua história. Tinha medo de que ele a abandonasse e, para não se trair, viveu seguindo uma espécie de roteiro previamente traçado, tentando evitar a desconfiança de Roland sobre ser ela uma mulher um pouco diferente das demais.

"Uma das marcas da feminilidade é a menstruação. Os homens sabem que a cada mês ela vem e vai embora. Então o que eu fazia? Todos os meses comprava um pouquinho de miúdos de galinha, moía, misturava e colocava em absorventes higiênicos, pra fingir que estava menstruada. Eu me queixava de indisposição e de cólicas e jogava os absorventes sujos no banheiro, como se tivessem sido usados. Para Roland, estava

menstruada como toda mulher, e ele não notava nenhuma anormalidade.

Sabia que era uma coisa muito louca, mas, com esse cineminha montado, a minha cabeça aceitava melhor a convivência. Eu me sentia mais preparada pra enfrentá-lo quando chegasse a hora de contar a minha história.

O Roland nasceu num cantão suíço, num povoado muito pequeno, nunca ouviu falar em hermafroditas, em transexuais. Eu tinha medo de ele me abandonar quando conhecesse o meu segredo. Queria que ele ficasse bem apaixonado e só quando senti isto acontecer é que contei a verdade."

Foi um processo de adaptação longo e difícil. Nunca Roberta Close tinha convivido tão intimamente com um homem. Até então, quase todas as suas ligações amorosas foram eventuais. E, apesar de ter ficado praticamente dez anos com um outro namorado, eles não moraram juntos e ela não fazia a menor idéia do que poderia significar um casamento. Ao mesmo tempo, Roland era tudo com o que sempre sonhara. Um companheiro interessado em ajudá-la, um homem cari-

nhoso em quem ela sentia poder confiar. Lentamente, Roberta começou a se envolver e percebeu que não suportava mais trair o companheiro com mentiras e subterfúgios sobre sua condição sexual.

"Eu não agüentava mais esconder a minha situação em casa. Todos os dias eu acordava pensando em contar pro Roland o meu segredo. Ao mesmo tempo, tinha dúvidas se devia ser sincera. Eram muitos os conflitos na minha cabeça. Comecei a me sentir culpada por viver aquela situação e brigava muito com ele pra ver se ele enjoava de mim e ia embora. Ele não entendia por que eu agia daquele jeito estando apaixonada. Mas a verdade é que eu me sentia muito mal enganando o Roland. Queria dividir com ele a minha história, as minhas angústias, sentir que, independente das convenções, estávamos juntos de fato.

Foi um ano de muitas incertezas, até que, um dia, decidi arriscar. Desabafei e contei tudo pra ele: como eu nasci diferente, a operação de mudança de sexo, a minha vida no Brasil antes de conhecê-lo. A reação dele foi de absoluta per-

plexidade. Ele realmente não esperava ouvir uma história tão extravagante, mas o nosso relacionamento depois da conversa melhorou ainda mais. O Roland me garantiu que nada mudaria entre nós, que o importante era o que sentíamos um pelo outro. E, por enquanto, é verdade. Já se passaram quatro anos e vivemos bem, somos felizes juntos. Roland nunca me humilhou falando do meu passado. Ele é gentil, carinhoso, e me dá o equilíbrio que necessito pra viver em paz. Quando estamos fora do Brasil formamos um casal normal.

Confesso que depois que contei para Roland a minha história, as minhas dúvidas não acabaram. Tive muito medo de ele ficar procurando o passado em mim. Acordar à noite e ficar me observando. Sei lá! Insegurança minha. Até então para Roland eu era uma mulher como outra qualquer e tudo estava bem conosco. E se de repente ele começasse a ficar grilado com a minha história? Existem mulheres de pé grande, barba, peito pequeno, bigode, mas elas já nasceram mulheres. Eu era uma nova mulher e tinha pavor de ser abandonada. Mas ele realmente estava apaixonado. A gente sente quando uma

relação é séria. É toda uma rede de envolvimentos que se forma e, àquela altura, não dava para voltarmos atrás e esquecer.

Hoje, além de companheiro, o Roland é meu fã e teme que eu o troque por um brasileiro. Ele é ciumento na medida certa, embora eu não dê motivos. Quando estou com o Roland não olho pra mais ninguém."

Dona de casa pacata

Normalmente Roberta leva uma vida pacata. Fica em casa vendo vídeos, escutando música e cozinhando, enquanto Roland não chega para jantar. Sai pouco sozinha, e nas compras, usa cartões de crédito endossados por ele. Quando o tempo permite, vai nadar num clube perto de casa. Também gosta de ir com o companheiro e com amigos ao cinema, a *shows* e a peças de teatro. Ao receber convidados, sempre prepara ou comidas típicas suíças ou nossa feijoada.

Eventualmente, ausenta-se de casa em viagens curtas pela Europa, para fazer aparições nas televisões, falando sobre transexualismo ou mudança de sexo, ou participando de um e outro desfile de

modas. Os programas para os quais é convidada são educativos, como os que se vê no Brasil na tevê por assinatura. Participa de mesas-redondas, cercada por especialistas: ela me mostrou um dos programas, feito pela tevê portuguesa, em que foi entrevistada por um padre, um psicanalista, um advogado e um ginecologista. Um programa sério, onde todos falavam de sua situação e de como o transexualismo é tratado em Portugal.

O jornal suíço *Neue Zurcher Zeitung*, ao se referir a ela diz textualmente que Roberta Close, "é a mulher mais desejada do Brasil, o ideal da beleza feminina". E garante que "todos os dias saem no Brasil fotos dela, de quem os brasileiros conhecem cada pedaço do corpo ".

Luiza Gambine foi o nome que Roberta Close escolheu para viver na Europa a vida que sempre sonhou e não consegue ter no Rio de Janeiro. Por que Luiza Gambine?

Porque é o equivalente feminino ao nome oficial que aparece em sua certidão de nascimento e na carteira de identidade.

Luiza fala de Roberta como se ela fosse um personagem, alguém com quem aprendeu a conviver desde 1981, quando, aos 17

anos, apareceu nua, de calcinha branca e pose de estrela, na capa da revista *Close* (da extinta editora Vecchi), despertando a atenção de todos que, a partir daí, passaram a se referir a ela como a Roberta, da *Close*.

Roberta Close conta isso tudo em voz baixa. E, se o assunto fica mais íntimo, ela abaixa ainda mais o tom de voz e é preciso chamar sua atenção para que o gravador registre tudo que foi falado.

Em casa usa sempre vestidos de florezinhas miúdas, gênero *jeune fille*, nenhum pingo de maquiagem, deixando à vista algumas sardas e acentuando ainda mais sua juventude e suas formas.

O apartamento carioca de Roberta Close é decorado sobriamente: móveis de madeira escura, sofás e almofadas coloridas com desenhos de sol e um único porta-retrato em que se vê uma foto sua. Num dos quartos fica a minicoleção de bonecas Barbie, como as que foram feitas para homenagear Vivian Leigh, como a Scarlet O'Hara de *...E o vento levou*, Audrey Hepburn, como a Elisa de *My Fair Lady*, e outras do início dos anos 60 —, compradas em feiras e brechós pelo mundo. "As verdadeiras têm perto do bumbum um número e o nome da cidade onde foram fabricadas", revela com a intimidade de colecionadora.

A biblioteca do apartamento é repleta de livros americanos e europeus sobre o mundo transexual. Um deles conta a história da cantora Amanda, que foi muito admirada pelo pintor Salvador Dalí; outro fala da inglesa Tula, ex-*bond girl*; e ainda um outro sobre Bibi Anderson que faz os filmes de Almodóvar. Até a biografia de Luz del Fuego pode-se encontrar nas prateleiras, misturada a livros de fotografias de transexuais, *drags* e *gays*.

No quarto de dormir, o *closet* contém, além das roupas e dos sapatos, pilhas de revistas e fotografias suas publicadas nos últimos anos.

Há detalhes femininos aqui e ali, como o precioso aparelho de jantar de porcelana pintado especialmente para ela, com delicadas flores.

Roberta Close gosta de mostrar vários vídeos com as gravações de suas entrevistas pelo mundo, ou com histórias de transexuais famosos. E também um vídeo sobre Brigitte Bardot, de quem é fã.

Desde a pose na revista até 1987, quando foi pela primeira vez para a Europa, disposta a mudar de vida como *girl* no *show O Carrossel*, Roberta Close percorreu o caminho esperado por quem fez

a opção pelo *showbiz* no Brasil: foi *Miss Gay*, apareceu em programas de auditório — primeiro no de Flávio Cavalcanti, depois no de Chacrinha — e era figura assídua dos bailes de Carnaval. Vivia praticamente dentro de aviões, apresentando-se em *espetáculos* pelo Brasil afora, onde só sua presença já era sinônimo de boa bilheteria. Dava entrevistas, falava de sua situação e desmentia prováveis romances com atores globais e *socialites*.

Em 1984, aos vinte anos, Roberta Close tornou-se tão popular que mereceu uma entrevista de seis páginas no *Pasquim*, uma capa da revista *Mad* e uma proposta da revista *Playboy* de posar para um ensaio fotográfico, exibindo sua plástica perfeita e aparecendo em nu frontal. O resultado foram inúmeros convites para desfilar em Paris — primeiro com o costureiro Guy Laroche, depois com Thierry Mugler e, a seguir, com Jean-Paul Gaultier.

"Foi a primeira vez que me senti integralmente mulher. Desfilando ao lado daquelas *top models* maravilhosas — Cindy Crawford, Linda Evangelista e Naomi Campbell — que desconheciam por completo a minha história e me tratavam

como igual, eu percebi que se quisesse podia transformar o meu sonho em realidade. E comecei seriamente a pensar em me operar para mudar de sexo."

O fenômeno Roberta Close estourou e ultrapassou as passarelas européias, chegando aos Estados Unidos. Na edição de outubro de 1984, o jornal *Weekly World News* estampava na primeira página uma foto de Roberta sob a manchete: "A modelo mais bonita do mundo é homem."

Dez anos depois, já vivendo na Suíça, ao sair publicado nos jornais latino-americanos que Roberta Close teria congelado seu sêmen para ter filhos no futuro — "o que era mentira, porque nunca tive sêmen" —, os jornalistas suíços a procuraram para uma entrevista. Roberta, por causa de Roland, fez de tudo para evitar a reportagem — afinal a família do marido ainda desconhecia seu passado — mas foi impossível.

"Os jornalistas suíços disseram que publicariam a matéria de qualquer forma, mas que respeitariam o Roland,

não expondo a imagem dele pra evitar problemas no seu trabalho. Na Europa, os processos contra a Imprensa são sérios e ninguém quer se arriscar. De qualquer forma, quando saiu a matéria, a família dele enfim passou a saber e a minha sogra ficou muito chateada. O Roland conversou muito com ela; ela entendeu, mas pediu que nunca mais tocássemos no assunto. Disse que me conheceu como Luiza e se eu fazia o filho dela feliz era o que bastava.

A minha família gostou do Roland desde o início. A minha mãe trata ele como um filho, faz questão de deixá-lo muito à vontade."

O cotidiano do casal chegou aos jornais europeus três anos depois, em abril de 1997, quando o jornal *Le Nouveau Quotidien*, que circula em Genebra e Lausanne, entrevistou Roland sobre o casamento com Roberta. Ele contou que o romance começou de maneira casual. "Eu a vi passar na rua e fui encantado pela beleza dela. Nós flertamos, Roberta correspondeu aos meus avanços e passamos a viver juntos." E mais do que isso é difícil arrancar dele.

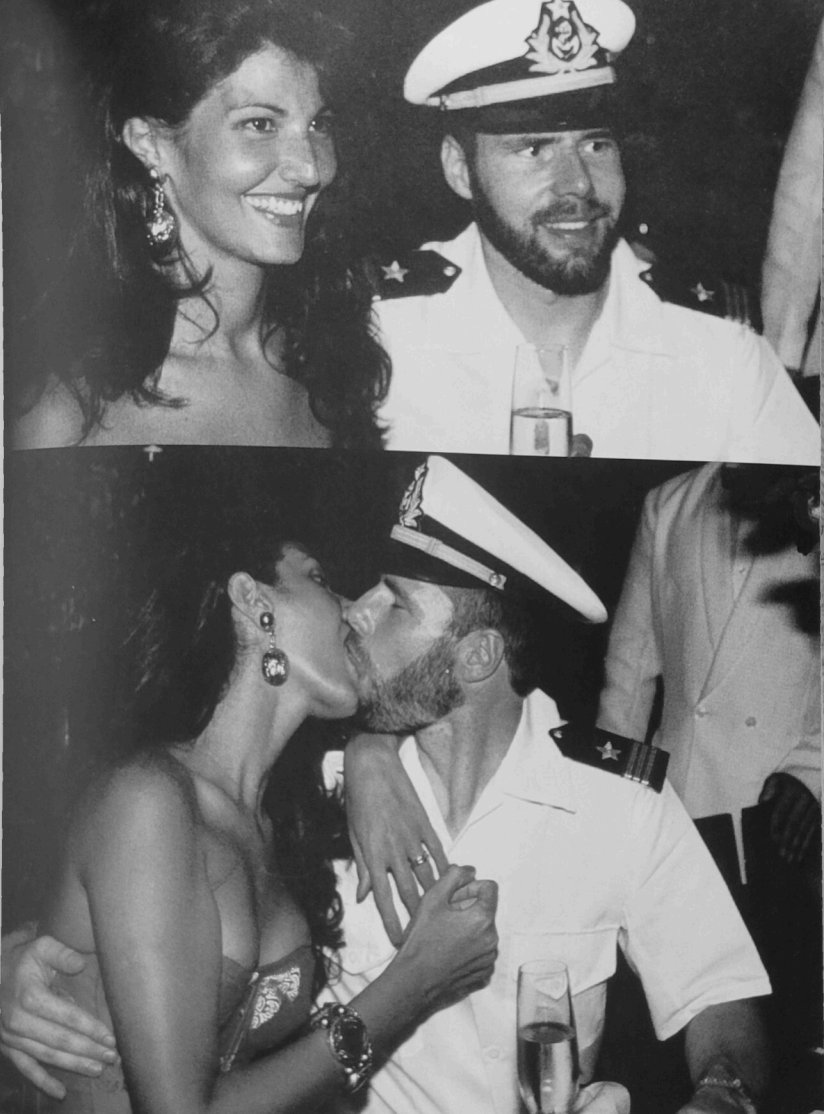
"O Roland é muito tímido, não gosta de ficar falando da nossa intimidade nos jornais. Para ele, o que acontece conosco deve ser preservado e não dividido com o público. Por isso é que apareço muito pouco falando da minha vida de casada."

Na mesma entrevista, ao lhe perguntarem como se sentiu ao descobrir que a parceira nascera homem, Roland confirmou o que diz Roberta: "Só descobri um ano depois, quando ela me contou a história. Na hora, confesso ter ficado meio perdido, deslocado, mas descobri, depois, que amava a Roberta ainda com mais intensidade."

A vida de Luiza Gambine na Suíça, comparada com a roda-viva no Brasil, é comum. Tem uma placa com o nome de Luiza Gambine, registrada pela prefeitura, na porta do apartamento. Como vive com um suíço, obtém a cada ano permissão para estender sua permanência na cidade.

"Uma vez por ano quando venho ao Brasil tudo fica diferente. A mídia continua me perseguindo, os homens me olham com a mesma interrogação e perplexidade. Mas, de um

modo geral, sinto que na rua as pessoas já me encaram com mais simpatia. Mudou muito a minha maneira de ser depois que encontrei o Roland e passei a viver com ele. Fiquei mais centrada, mais segura de mim. Não sinto tanta necessidade de ficar me exibindo. Ou de me desnudar no Carnaval. Quero chegar no Rio e poder curtir a minha cidade, ir à praia pra pegar aquele bronzeado, e sem ninguém pra me chatear."



2

Um deslize da natureza

Quando eu era criança diziam que se a gente passasse debaixo de um arco-íris virava mulher.

Eu vivia procurando um arco-íris.

"Dá-se geralmente o nome de Hermafrodito a todos os seres cuja natureza é dupla, simultaneamente masculina e feminina (...)

[Na mitologia grega, Hermafrodito é o] filho de Afrodite e Hermes, de quem eles contam a seguinte lenda: Hermafrodito, cujo nome evocava simultaneamente os nomes de sua mãe e de seu pai, fora educado pelas Ninfas nas florestas do Ida, na Frígia. Era dotado de grande beleza e, quando fez quinze anos, começou a correr o mundo. Viajava pela Ásia Menor. Um dia, encontrando-se na Cária, chegou às margens dum lago maravilhosamente belo. A ninfa do lago, chamada Sálmacis, apaixonou-se logo por ele. Fez-lhe propostas, mas o jovem recusou. Fingiu-se então resignada, mas escondeu-se, enquanto o jovem, seduzido pela limpidez das águas, se despia e se lançava ao lago. Assim que o viu nos seus domínios e à sua mercê, Sálmacis alcançou-o e abraçou-se-lhe. Hermafrodito tentou, em vão, afastá-la de si. Ela entretanto elevou uma prece aos deuses, pedindo-lhes que fizessem com que os dois corpos jamais se separassem. Os deuses escutaram-na e uniram-nos num novo ser, de natureza dupla..."

Pierre Grimal, no *Dicionário da mitologia grega e romana*

Roberta Close é carioca. Nasceu em 7 de dezembro de 1964. Terceiro filho de Roberto e Maria Gambine.

A família morava no Bairro de Fátima, perto do Centro da cidade e da Lapa boêmia. E ainda na maternidade o casal percebeu que a criança era diferente das outras. Seu sexo não estava bem formado, parecia que faltava alguma coisa, mas o médico os tranqüilizou dizendo que com o tempo aquela má-formação se resolveria. Maria foi para casa com uma sensação esquisita. Ela sonhara que ia ter uma menina e mais uma vez não tinha conseguido.

A criança cresceu como os outros irmãos, mas algo nela continuava diferente. Sempre muito tímida, retraída, não gostava de ficar perto dos outros. A mãe lembra que tinha preferência pelas histórias de fadas, duendes e príncipes encantados: "Desde cedo ela demonstrava desejos femininos. Quando saíamos para fazer compras ela freqüentemente se encaminhava para a seção das meninas. Adorava brincar com bonecas, nunca demonstrando interesse por brinquedos de meninos."

"Sempre fui uma criança muito solitária. Em casa eu não recebia ninguém e o que mais gostava de fazer era ir ao quarto da minha mãe. Passava horas me olhando no espelho, vestida com as suas roupas e sapatos e me achava linda. Eram os momentos mais felizes do meu dia. Ficar mexendo nas suas bijuterias, na sua maquiagem, experimentando os sapatos de salto e as sandálias femininas. Aqueles objetos tinham mais importância pra mim do que as bolas e os carrinhos dos meus irmãos, que não me diziam nada.

Eu odiava usar os *shorts* e as camisetas, e não me sentia à vontade com os meus irmãos. Eles gostavam de conversar sobre meninas e conquistas e isso não me interessava. Logo percebi que o meu sexo era diferente do deles e vivia me escondendo para que eles não vissem o meu corpo.

Eu era muito oprimida em casa. O meu pai nunca aceitou a minha imagem andrógina e ficava fora de si quando me via com um brinquedo de menina. Ele me batia, dizia que eu tinha que ser como os meus irmãos. Nunca nos entendía-

mos. Era muito difícil para ele aceitar que eu tinha nascido diferente dos meus irmãos."

O filme belga *Minha vida em cor-de-rosa*, de Alain Berliner, premiado em Cannes e exibido no Brasil, mostra a vida de um menino com uma história muito semelhante à de Roberta Close. No filme, Ludovico também é o terceiro de quatro filhos e, desde os cinco anos, gostava de vestir-se de menina. Seus pais, que de início não se conformavam com a natureza do filho, enfrentaram o preconceito dos vizinhos, sofreram com as discriminações na escola e no trabalho, até entenderem melhor a natureza distinta daquela criança.

Como Ludovico, ao ser matriculada no Jardim de Infância Campos Sales, no Campo de Santana, Roberta sentiu-se à vontade para brincar com as meninas e por ser ainda pequena não era muito reprimida. Voltava para casa sempre com a roupa muito limpa e só quando entrou para o primário é que suas tendências femininas começaram a incomodar.

"A professora vivia me separando das meninas e os outros garotos me olhavam com desconfiança. Os mais velhos corriam atrás de mim, querendo me agarrar. Eles percebiam que eu era uma menina e não me deixavam em paz. Foi assim todo o primário e quando cheguei ao ginásio tudo ficou mais complicado."

A descoberta da diferença

No ginásio, já adolescente, Roberta começou a faltar à escola. Não conseguia prestar atenção nas aulas e vivia em pânico com receio de ter que trocar de roupa na frente dos meninos na hora da ginástica, ou ser obrigada a praticar esportes. Estudava numa escola pública na Zona Sul do Rio com um dos irmãos, gazeteiro como ela. Esperta, descobriu que era fácil mandar fazer um carimbo de *compareceu* na papelaria e com ele carimbar a caderneta, enganando os pais e matando aula.

Fazia de tudo para escapulir com um amigo mais velho para o trecho da praia de Copacabana, em frente ao Hotel Copacabana Palace,

a "Bolsa de Valores", freqüentado quase que exclusivamente por homossexuais.

> "Era um mundo totalmente novo, de liberdade, e me fascinava. Conheci ali o príncipe Thurn und Taxis, a Ursula Andress e muitas estrelas internacionais. Ficava encantada ao ver aquelas pessoas chiques e muito bonitas colocando as suas fantasias para fora. Comecei a tomar hormônios pra ajudar a desenvolver mais os seios que já aumentavam. Eu era muito bonitinha, e chamava atenção aonde chegasse. Comprei um biquíni que deixava escondido na caixa de incêndio do prédio, onde morava com os meus pais. Quando saía de casa, pegava o biquíni, guardava na pasta da escola e o colocava, trocando de roupa num bar perto da praia."

Entrando na adolescência, Roberta chamava tanta atenção que começou a ser assediada por homens na rua.

> "Eu ficara linda, muito diferente. E uma enorme quantidade de homens que descobriam o meu telefone ligavam

lá pra casa, querendo me conhecer e fazendo propostas. Teve um que me perseguiu durante semanas. Tanto insistiu que decidi conhecê-lo num bar. Devia ter uns 37 anos, achei ele velho e pernóstico. Fumava cachimbo e, assim que me apresentei e começamos a conversar, me ofereceu um maço de dinheiro, pensando que ia me comprar. Eu era bem bobinha, muito criança naquele tempo, e não quis de maneira nenhuma, mas ele fez questão que eu o aceitasse. Logo vi sua intenção de me seduzir pelo dinheiro. Mas eu não gostei do seu astral e, então, não rolou mais nada."

Com 14 anos Roberta conheceu, numa de suas escapulidas à praia de Copacabana, um homem, 17 anos mais velho do que ela — Eduardo —, que viria a ser um longo caso de amor. Muito educado, ele ficou tão gamado por Roberta que fez tudo para descobrir onde ela morava. E tanto fez que descobriu o apartamento da família dela no Bairro de Fátima.

"Um dia eu estava em casa e ele tocou a campainha. Meu pai atendeu e deu a maior confusão. Mas o Eduardo era

tão educado e gostava tanto de mim que, nos anos seguintes, cativou a minha família. Ele percebeu que eu não era uma largada na rua, uma qualquer, e acompanhou de perto a minha vida por dez anos, tornando-se o único com quem eu podia falar das minhas dúvidas, com quem eu podia contar. Ele me dava colares, me mimava, me dava presentinhos, sempre muito elegante."

Solidão e medo

A situação em casa se complicava. Roberta vivia discutindo com o pai porque ela usava o cabelo comprido e isso o incomodava. Todos os dias ele mandava que ela fosse ao barbeiro cortar o cabelo. Como Roberta não obedecia, aconteceu o inesperado.

"Ele dizia que com o cabelo daquele jeito eu ficava igual a uma mulher. Um dia, ficou tão desesperado em me ver assim, que picotou o meu cabelo enquanto eu estava dormindo. Foi uma maldade, tive que raspar a cabeça e fiquei horro-

rosa, mas não desisti. Comprei uma peruca como a da Sônia Braga na novela *Dancin' days*, uma das mais populares que Gilberto Braga escreveu pra TV Globo.

Nessa época fui ao Teatro Brigitte Blair, em Copacabana, levada por um amigo. Passei, de tarde, na porta do teatro, para saber como era e vi um cartaz — *Eles querem abertura* — com desenhos de garotos despidos, em poses femininas, de bigodes. Comecei então a ir ver os *shows* de "bonecas" e todos me avisaram pra ter cuidado, porque naquele tempo se os policiais me vissem na rua vestida de mulher, era delegacia na certa. Graças a Deus isso nunca aconteceu comigo.

Mas eu vivia correndo riscos. Uma vez, estava na Lapa, vestida de mulher, com vários travestis, e os meus irmãos me viram da Sala Cecília Meireles, onde eles tinham ido ver um espetáculo. O meu irmão apareceu na minha frente e ameaçou dizer pros meus pais quando chegasse em casa.

— Vou contar tudo pra mamãe e papai.

— Pelo amor de Deus! Não dá essa tristeza pra minha mãe — eu implorava. — Não conta que vai ser muito triste.

— Nós vamos contar tudinho e você vai acabar com isso. Isso não vai acontecer mais.

Foi horrível! Foi horrível! Fui pra casa, tirei a maquiagem, guardei as roupas e dormi chorando."

Os irmãos acabaram não contando sobre Roberta naquele dia, mas não tardou que os pais descobrissem a vida dupla do filho, por causa dos comentários dos vizinhos. Todo mundo que podia, chegava e soltava uma piadinha: "Olha! Cuidado, hein! Eu vi seu filho passando outro dia com roupa de mulher ali embaixo."

"Eram ligações anônimas, muita fofoca. Tem gente ruim mesmo. Um dia ligaram pra minha mãe dizendo que eu estava na Galeria Alaska (*point* carioca de *gays* e lésbicas, cercado de bares e hotéis, no Posto 5, em Copacabana), que me viram no bar Acapulco. A coitada saiu, de noite, me procurando. E aumentaram as pressões da vizinhança sobre o meu pai. Gritarias, escândalos. Ninguém pode imaginar como sofri! De vez em quando, andando na rua, sem mais nem menos, eu levava um tapão na cara de um homem que passava. Outros cus-

piam em mim. E me enxotavam como se eu tivesse uma peste! Se pegava um ônibus, ninguém queria sentar do meu lado. Sentia as pessoas com nojo de mim. Isso em 1977, 1978, quando eu ainda não era famosa. Não era conhecida. Não era nada.

Naquele tempo, todo mundo que tinha o mesmo problema que eu só podia viver em ambiente *noir*, em gueto. Uma barra extremamente pesada e quem não tinha estrutura em casa não agüentava. Volta e meia a gente ouvia dizer que alguém tinha sido morto, esfaqueado."

Roberta não tinha amigos com quem pudesse conversar. A única exceção era uma vizinha, casada com um funcionário da Embrafilme, que encontrava de vez em quando.

"Se eu saísse com os meus irmãos e a turma deles, nunca me sentia bem. Eles ficavam só falando de meninas e eu não sabia como me comportar. Meus irmãos estavam sempre me vigiando. Se eu falasse alguma coisa pra qualquer rapaz, logo vinha um deles saber qual era.

Quando, eventualmente, saía com os meus pais, se encontrávamos um amigo mais distante deles, quase morriam de vergonha com o comentário: 'Não sabia que você tinha uma filha tão bonita!'. Era um desastre."

A situação em sua casa ficara tão tensa que os pais decidiram levá-la ao Hospital da Beneficiência Portuguesa para consultar um psiquiatra. Foi a família inteira, mas de nada adiantaram os conselhos do médico. Era mais forte do que Roberta sua tendência feminina e para evitar sofrimentos maiores ela decidiu fugir de casa.

A fuga para São Paulo

Um dia, aceitando a idéia de um travesti amigo, Roberta escreveu uma carta para seus pais, arrumou todas as suas roupas e saiu de casa.

"Eu tinha 14 anos. E fui para São Paulo com esse meu amigo, de ônibus. No meio da viagem, quando paramos num bar, fomos ao banheiro e uma mulher nos viu e começou

a gritar: 'Esse mundo tá mesmo virado. Agora té viado entra em banheiro de mulher!' Ela fez um tal escândalo que os homens da parada queriam bater na gente. Foi uma viagem horrível, mas acabamos chegando a São Paulo.

Foi lá que comprei o meu primeiro vestido. Azul-marinho com bolinhas vermelhas e eu o usei com um *escarpin* branco e uma travessinha nos cabelos. Eu me senti maravilhosa quando coloquei a roupa. Era tudo com que sempre sonhara, sair na rua vestida assim, sem ter que me preocupar com os vizinhos me reprimindo.

Depois de alugar um quarto num hotel, fomos conhecer a noite de São Paulo. Fui a várias discotecas, vi muitas 'bonecas', estava adorando a aventura, mas no Rio a minha fuga já tinha sido descoberta.

Eu tinha um tio, irmão do meu pai, que era major da polícia. O meu pai foi com ele correr as boates da Lapa pra me procurar e acabou descobrindo que eu estava em São Paulo. Não deu uma semana e a polícia foi bater no hotel onde me encontrava com a minha amiga.

Como eu era menor, me levaram pra um reformatório onde fiquei até meu pai ir me tirar de lá. Eles me deram uma roupa toda suja para vestir. Cheguei, deitei numa cama e dormi cheia de ameaças. Quando acordei no dia seguinte, estava cercada de garotinhos. Eu já tinha peito desenvolvido e já era bem mulher. Mas os garotos, muito novinhos, foram gentis comigo. Até me ofereceram cigarros."

Para sair do reformatório era preciso obter autorização do Juizado de Menores. O processo era demorado e Roberta precisou passar quatro noites lá.

"Foram dias horríveis. Não havia nada pra fazer naquele lugar. Ficava todo mundo estatelado no pátio, os garotos fumando, falando bobagem. Não tinha escola, não tinha nada.

Meu pai chegou, furioso, pra me buscar e recomeçou com a discussão eterna, de sempre, desta vez ameaçando me trancafiar:

— Agora, ou você muda definitivamente ou, então, volta para o reformatório e só sai com 18 anos!"

Roberta, aos seis anos, com os irmãos

Na turma da escola Guatemala

Traços femininos já em criança

3

A decisão de correr riscos

Sofri muito quando era adolescente. Os homens brasileiros são muito agressivos.

Um dia, andando com roupa de mulher na rua Rodolfo Dantas, em Copacabana, um grupo de jovens me bateu tanto que eu fiquei sem forças pra levantar.

Um deles gritava histérico, "seu viado filho da puta, vai se tratar", e me deu um chute no ouvido com tal raiva, que até hoje sou meio surda por causa disso.

18 anos

Ao voltar de São Paulo a situação de Roberta ficou insustentável. Sua mãe estava adoentada. Quando a filha fugiu ela caiu de cama e custou a se recuperar. Sofria com a situação. O pai continuava com as exigências de sempre.

> "Queria que deixasse a sobrancelha crescer, cortasse o cabelo, voltasse a usar roupas masculinas, acabasse com a minha vida dupla. Ele não conseguia me entender por mais que eu falasse, tentasse explicar."

Nesse período, ela não teria agüentado as pressões, não fosse o carinho de um namoradinho louro de olhos azuis, da mesma idade dela.

> "Eu me achava horrorosa, estava muito perturbada com as brigas em casa. Olhava as outras garotas da minha idade e me culpava de não ser igual a elas, de não ter direito à felicidade. Quando conheci esse garoto, achei que ele estava interessado numa amiga minha e, ao ouvir que era comigo que ele queria namorar, fiquei encantada. Foi um namoro lindo,

sem maldade, romântico, com muitos beijos. Tudo discreto, mas mesmo assim meus pais perceberam e ficaram chateados de me ver em intimidades com um garoto. Eu sentia que eles gostavam de mim, mas não podiam agüentar aquela situação, se sentiam desconfortáveis.

Nesta época eu já tinha deixado a escola. Apesar da minha aparência andrógina, a diferença física com os meus colegas era muito grande e a diretora achou melhor eu sair, porque estava dando mau exemplo.

O lourinho foi o meu primeiro namorado, mas eu já tinha tido um primeiro contato sexual com um amigo de escola, nada muito completo, apenas uns agarramentos de criança."

A primeira vez

"A minha primeira experiência sexual completa, aconteceu logo depois, com um rapaz de uns vinte anos, que conheci e que me seduziu perto de casa. Eu tinha 13 anos e muita vontade de saber como era. Foi uma sensação incrível

sentir um homem me beijando na boca, me pegando: tudo que eu via no cinema e sonhava que acontecesse comigo. Eu era muito nova e tudo acontecia muito rápido, não tinha como ir num motel, nada. A gente se encontrava onde podia, se agarrava, sem ninguém pra observar. E sempre com um tesão tão grande que, à vezes, ele gozava assim que nos agarrávamos. Sexo sempre foi prazeroso para mim. Acho gostoso demais sentir atração por uma pessoa.

Um ano depois, quando meu pai me expulsou de casa, eu já conhecia o sexo. Já sabia o que era beijar, o que era um homem.

Mas por causa do meu segredo eu não deixava ninguém me ver totalmente nua. Não é que eu proibisse os garotos de me verem por inteiro, mas sempre dava um jeitinho de esconder aquela parte. Fingia que estava menstruada, evitando maiores contatos com o meu corpo. Eles não insistiam muito. E, por ser tão feminina, me respeitavam. Eu estava entrando na adolescência e era muito natural que sentisse e despertasse desejo."

Foi no período da adolescência que Roberta Close conheceu a violência sexual. Ao voltar da escola, já perto de casa, foi agarrada, imobilizada, e arrastada por um beco por um sujeito mal-encarado que a currou.

"Ele tinha uns 40 anos, estava armado com um canivete, cheirava a bebida, e ameaçou cortar o meu lindo rosto. Tapou minha boca com sua enorme mão e me arrastou para um beco, me obrigando a fazer sexo com ele, violentamente. Foi uma luta desigual. Ele era muito forte, eu queria afastá-lo de mim, mas era muito difícil, porque ao mesmo tempo que tentava empurrá-lo, procurava esconder o meu sexo com as mãos. A lembrança de como me senti aviltada, ainda hoje, é horrível. Quase posso sentir novamente a sensação de tê-lo por detrás de mim, fungando e me agarrando, enquanto me sodomizava e dizia que eu era gostosa, e que ele tinha sonhado com aquele momento. Eu estava paralisada de terror e medo que alguém chegasse e nos pegasse em flagrante. Quando ele me largou, saí

correndo, corri pra casa chorando e me sentindo, mais uma vez, injustiçada. Depois desse atentado, fiquei ainda mais apavorada com a minha condição de desamparo. Eu não podia contar para os meus pais o que tinha acontecido, senão nunca mais poderia sair sozinha. Passei a tomar mais cuidado, e me acostumei a parar e olhar sempre em volta quando a rua estava muito deserta."

Uma semana depois, Roberta foi andar de bonde em Santa Tereza com uma garota que conhecera perto de casa. No bonde aceitaram o convite de dois garotos para passear e fumar um baseado, mas quando começaram a andar pelo Silvestre descobriram que os garotos queriam algo mais.

"De repente eles começaram a nos agarrar. E minha amiga, um pouco mais velha do que eu, percebendo tudo, saiu correndo e me deixou lá, sozinha. Enquanto um garoto ia atrás dela, o outro pulou em cima de mim como um louco, rasgou a minha blusa e começou a me agarrar. E eu morrendo de medo de ele me agredir, me matar, se descobrisse o meu sexo.

Lembrei na hora da cena do beco, e consegui forças para me desvencilhar. Começei a correr, o garoto atrás de mim. Foi uma aflição danada, mas nessas horas a gente fica mais forte e, tanto corri, que consegui fugir dele. Eu me enfiei no meio do mato e fiquei escondida um bom tempo, até ele cansar de esperar e ir embora.

Entre 15 e 17 anos eu já andava vestida de mulher e o que acontecia é que me via abordada na rua como uma garota. Eu namorava um e outro, mas ficava só nos beijinhos, não era com todos que sentia vontade de ir mais além.

Eu não tinha namorados fixos por causa do segredo que precisava guardar. Tudo muito superficial. A minha casa era muito recatada. A minha mãe tinha estudado em colégio de freiras e não tocava em assunto de sexo em casa. Ela ficara tão desligada disso, que me lembro que nós tínhamos uma cachorrinha e quando ela estava menstruada a minha mãe dizia que era pra gente ter cuidado, que a gente estava deixando gilete pela casa..."

As brigas em casa

D. Maria custou a aceitar a saída de Roberta de casa. Mas, embora sofresse demais em se afastar da filha, ela percebeu ser tudo ou nada.. "Roberta ameaçou fugir de novo se eu não a aceitasse como era, disse que nós nunca mais a veríamos. Fiquei desesperada. Eu não queria perder a minha filha. Cheguei a brigar com o meu marido por Roberta. Eu via o sofrimento dela, sabia ser impossível ela voltar atrás. Ela era a minha filha querida, se eu não a apoiasse, sua vida seria ainda mais difícil e conturbada. Decidi aceitá-la como era e fui bem clara com a família: no que depender de mim, vou fazer para a *minha filha* ser sempre *Roberta.* "

"A família toda me pressionava, todos criticavam as atitudes da minha mãe. As discussões eram diárias. Se chegava um parente, eles me enxotavam de casa pra que a pessoa não me visse. Os meus irmãos tinham a vidinha deles, as namoradas, e se envergonhavam quando eu aparecia diante dos seus amigos. Os vizinhos riam quando eu passava. Estava totalmen-

te marginalizada dentro da minha própria casa. Quantas e quantas noites eu não ficava trancada no quarto sozinha, chorando, me amaldiçoando por ter nascido daquele jeito e sonhando que um dia tudo ia mudar?

Eu não sabia nada da vida, mas sentia que o fato de ter nascido tão diferente dos meus irmãos tinha algum significado, se eu me mantivesse fiel à minha essência, um dia seria entendida e amada pelo que era."

Ao sair de casa para morar com a avó, d. Noêmia, Roberta ficou mais feliz. Pelo menos, agora tinha carinho, compreensão e pouca cobrança.

"A minha avó por parte de pai era italiana e adorava ouvir as histórias sobre os meus sonhos, os meus namoros. Romântica, à noite, me ajudava a colocar *bobs* no cabelo. E me dava carinho. A minha mãe ia sempre me ver, levava comida para mim, mas eu vivia como uma prisioneira, quase sem nunca poder sair, quase sem fazer amizades.

O meu pai rompeu definitivamente comigo. Além de não me querer mais em casa ele não queria mais me dar dinheiro; falou que a partir daquele momento não me considerava mais um filho. Foi muito duro."

Hoje, o pai de Roberta, Roberto Gambine Moreira, admite que, apesar de todo o sofrimento e as brigas, aprendeu a respeitar a filha: "Sofri muito com o preconceito dos amigos, dos vizinhos. Qualquer um pode imaginar como deve ser difícil para um pai lidar com esse tipo de problema. Mas a Roberta nasceu assim. Foi uma escolha da natureza. Fiz o que pude para impedi-la, mas depois percebi que não ia adiantar, era ir contra a minha filha."

O alistamento militar

Ao completar 18 anos, Roberta precisava tirar o certificado de reservista. Teve medo da reação dos oficiais, adiando o quanto podia a ida a um posto de atendimento, a ponto de ter medo de ser considerada uma desertora e ir presa. Mas foi.

No dia marcado para se reapresentar ela decidiu retornar. Chovia muito e, sem guarda-chuva, Roberta foi com um vestido branco, sem mangas, muito feminino. A roupa ficou toda molhada, o vestido, colado no peito, modelava-lhe as formas. Ela já tinha pensado mil vezes em como se apresentaria aos oficiais porque achava que a aparência era importante naquela situação. Mas a natureza mais uma vez a fez provocante.

"Foi só entrar no posto de atendimento com a roupa molhada para atrair todos os olhares. Os futuros soldadinhos cutucavam uns aos outros, me apontando, e imediatamente abriram um clarão para eu passar. Cada passo que eu dava provocava um murmurinho e a fila foi se desmanchando porque todos queriam me olhar.

Antes que a confusão aumentasse, um sargento veio e me levou pra uma sala ao lado para me interrogar. Ele custou a entender o que eu estava fazendo ali. Não queria acreditar na minha história e só quando mostrei a minha certidão de nascimento é que ele percebeu que eu estava falando a verdade.

Nunca o descompasso entre a minha identidade e a minha aparência foi tão gritante. Comecei a ameaçar tirar as roupas e quando abri a parte de cima do vestido insinuando um *strip tease* foi uma loucura.

O entra-e-sai da sala aumentava, o homem suava e dizia que precisava examinar meus pulmões, mas quando viu que eu estava de sutiã levou um susto.

Ele percebeu que a minha situação era mesmo especial e disse que resolveria logo o meu problema. Parou o exame no ato e me mandou embora pra casa. Liberaram logo os papéis de dispensa e, quando eu ia saindo, o sargento não resistiu e pediu o meu telefone."

Aos 20 anos um sucesso

15 anos

20 anos

Rua Visconde de Pirajá
370
HONDA
CHUP-LIG

Parando o trânsito, em Ipanema

4

O que não dá pra esquecer

Queria ter relações sexuais como qualquer mulher.

Sofri muito pra esse sonho virar realidade.

Não preciso mais sentir vergonha quando faço sexo.

SAFARI HUNTER KILLS A SPACE ALIEN!

WEEKLY WORLD NEWS
50¢
ber 23, 1986
30587
VOL. 6, Issue 2

No doc . . . no nurse . . . no midwife!

'I deliver my babies by myself,' says mom

Mom charged with keeping tot in cage

CHILD RAISED LIKE A CAT

Four-year-old meows and uses hands like paws, say New York cops

Lonely con sneaks back into prison!

SHIPWRECKED!
Brave mom and her 3 kids marooned on a tiny South Sea island for 6 years

Plus: All the hottest Hollywood

The world's most beautiful model is really a MAN!

Killer octopuses crush fishermen

GOLD RUSH!
Treasure hunters find $500 million

Dos 14 anos em diante, quando decidiu assumir de vez sua feminilidade, a vida de Roberta Close foi repleta de cenas dramáticas.

Quanto mais bonita e famosa ficava, mais tinha que se defender de acusações e de situações humilhantes. Roberta incomoda não só aos homens como a muitas mulheres que começam a agredi-la quando ela está por perto, mesmo sem motivos concretos. Ainda hoje recebe cartas e telefonemas anônimos, e muita gente que não se conforma de vê-la passar, xinga sem piedade sua família.

Ela lembra de uma vizinha que vivia reclamando dela para o síndico, por pura antipatia:

> "Algumas modelos me atacaram muito durante todos esses anos e, em todas as ocasiões que podiam, os jornais registraram sempre essa revolta contra mim. Quando eu comecei a receber convites para desfilar elas não se conformavam. Viviam me destratando com os jornalistas. E olha que eu já desfilei lá fora com os grandes costureiros e muitas destas nunca saíram do Brasil."

Os preconceitos

"Mas isso não acontece só no Brasil, não. Os preconceitos me acompanham em todo o lugar. Em Montreaux, na Suíça, por exemplo, fui a um festival de *jazz* assistir a um *show* do João Gilberto. Foi só ir ao toalete pra uma mulher paquerar o meu acompanhante dizendo que eu era um homem!

Se emagreço, logo dizem que estou com Aids, como ocorreu num jornal paulista que uma vez declarou a minha morte. Vivo ouvindo barbaridades, piadas desagradáveis do tipo: ela está desgostosa porque cortou o pênis. Fazem muita maldade comigo."

Roberta Close lembra especialmente de uma cena de agressão quando estava num baile *gay* de Carnaval, cercada de fotógrafos e alguém lhe deu um empurrão, nas escadas. Naquela época se vendiam garrafas de cerveja nos bailes. Por isso, tinha muito caco de vidro no chão. Ela deu um escorregão, caiu e, se não fosse a atenção dos amigos, teria se machucado seriamente.

"Tem gente que é mal-educada e quer mesmo te agredir. Machucar. Alguns me atacam até por amor, pessoas que gostam de mim mas não conseguem dar carinho e dão agressão."

Roberta provoca sentimentos ambíguos em várias pessoas. Se muitos não conseguem disfarçar a sensação de desconforto diante dela, há os que se identificam com sua luta e a procuram, tentando encontrar respostas para suas dúvidas em relação à sexualidade. Desde 1984, ela recebe centenas de cartas de todo o Brasil. Há as de amor, as de injúria, as que pedem conselhos e também as que contam detalhes da vida amorosa do remetente — homossexuais, transexuais e lésbicas —, porém todas com um denominador comum: o sonho de encontrá-la um dia.

Consultório sentimental

As cartas são escritas ou à máquina, dificultando a identificação, ou em letra de fôrma, em tom confessional e sempre imploran-

do por respostas urgentes. Algumas contêm instruções para que Roberta Close, caso responda, coloque outro nome no lugar do remetente, "Porque se minha mãe me pegar, você já viu, né?", ou ainda, "Se o carteiro descobre que a gente se conhece, vai espalhar pra todo mundo".

Há cartas com poeminhas infantis:

I love you em inglês,
Je *t'aime* em francês
Pra dizer a verdade
Eu te amo em português".

Há letra de música — *Fada Madrinha*

Oh Roberta, oh Robertinha
Eu sonhei que você é uma fada madrinha
Sonhei que era um príncipe encantado
Que por você fiquei apaixonado.

Quando você pegou a varinha de condão
Batendo tão forte no meu coração
Me encheu todinho de ilusão.

Oh Roberta, oh Robertinha
Eu sonhei que você é uma fada madrinha.

Sonhei que tinha um cavalo alado
E voava com você pelos espaços
Beijando seus lábios, doces como melado
Quando cansei, adormeci nos seus braços.

Oh Roberta, oh Robertinha
Eu sonhei que você é uma fada madrinha.
Sonhei que fui prisioneiro de uma bruxa
E não tinha ninguém pra me salvar
Então você me salvou com um toque de magia
É só você que terei que amar.

Oh Roberta, oh Robertinha,
Eu sonhei que você é uma fada madrinha.

E literatura de cordel, logo transformada em música e cantada por calouros no *Chacrinha*:

Como é que pode
Close é seu nome
A mulher mais bonita do Brasil é homem
Quando ela passa tem mulher que fica brava
Tem homem que fica louco
Quando ela passeia pela passarela sacode o Brasil todo
Capa de revista sim senhor
Pinta todo o dia no jornal
Me dá um beijo de amor
Que eu te dou um *close* legal

Há cartas, como as três seguintes, com declarações de amor ardentes, de diferentes matizes.

"Oi Roberta, tudo bem? Tenho 17 anos e moro em São Paulo. Sempre ouvia outras pessoas falando que você era linda, um corpo maravilhoso (gostosa) mas eu não acreditava.

Até que um dia vi você na capa da *Fatos&Fotos*. Nunca tinha visto uma mulher bonita como você. Quando vi aqueles seios à mostra, durinhos, pelo que deu pra ver, achei muito mais gostosos do que os de muitas garotas com que eu já tinha transado. Fiquei louco, senti uma vontade imensa de me masturbar olhando para seus olhos, sua boca, seus cabelos, seus seios, suas coxas, enfim, todinha você. O que mais me atrai no corpo de uma mulher são os seus seios e os seus são lindos. Gostaria muito que você me mandasse uma foto nua. Vou terminando porque tenho que trabalhar. Um abraço do seu admirador, Babu."

"Minha pantera Robertinha,

Em primeiro lugar quero dizer que te adoro ao ponto de sonhar com você. Será ótimo se eu tiver chance de te encontrar para que possamos nos entender e transar. Sei que por você ser famosa isso será um pouco difícil. Minha filha, se possível mande uma foto sua em posição bem excitante, pois quero admirar você muito bem. Faço qualquer tipo de coisa para satisfazer completamente uma boa travesti. Detalhes só mesmo pessoalmente.

Minha gatinha *sexy*, por favor não se esqueça de mim pois te adoro e garanto que você vai adorar minha maneira de ser. Um beijão daquele que tanto a quer e pretende sentir você a qualquer preço. Do gato Félix para meu amor Robertinha Close. *Tchau.* "

"Sou um homem apaixonado, alucinado por você, Beta. Sua graça e beleza me fazem crer que ainda existe a verdadeira mulher dos sonhos de todos os homens. É uma mulher linda, realmente feminina e felina. Não considere esta carta como mais uma carta de seus tantos e apaixonados fãs, e sim uma carta de um homem que tem por você a mais pura e sincera admiração. O teu olhar me fascina, Roberta, o teu corpo me enlouquece e tua voz me faz delirar... Quero ser feliz, sabendo que a minha musa também é feliz. Roberta, te amo! Paulo."

As cartas confessionais são a maioria. Dentre elas, a de um homossexual paulista de 18 anos é a mais bem-acabada, onde um passado de dúvidas é descrito, seguido de muitas perguntas sobre o que fazer para se viver melhor:

"Sabe Roberta, desde pequeno, entre 10 e 12 anos eu comecei a me diferenciar do meu sexo. Eu gostava de brincar com bonecas e com as meninas e até hoje tenho mais amizade com elas porque me sinto mais a vontade, e confiante. Sempre adorei cabelos compridos e vestidos bem-feitos, sapatos de salto bem alto e mulheres bem maquiadas. Não ando muito com meninos, porque sou sempre alvo de gozações e piadas...

Só sinto atração por homens e nunca por mulheres. Todos os colegas que tenho já me pediram para transar com eles, mas sou muito tímido e isso me impede de aceitar. Estou lhe dizendo tudo isso por carta, porque pessoalmente não teria coragem. Gostaria de saber algumas coisas sobre você:

Como você era em pequena ? Como se sentia? Como você era tratada nas escolas e nas ruas? Você teve algum apoio? De quem?

Sei que você tomou hormônios aos 14 anos porque li numa revista. Como você conseguiu os hormônios? São muito caros? Quando começaram as primeiras mudanças físi-

cas, como foram elas? Os hormônios provocaram alguma reação em você?

Sei que você pensa em fazer uma operação para mudar de sexo. Sabe por alto quanto custa? Ainda tenho tempo de mudar? Os resultados serão iguais aos seus?

Tenho18 anos e sou gordinho. Gostaria muito de saber suas opiniões sobre mim.

OBS: Se você me responder, não se chateie, e mude o remetente porque aqui no meu bairro tem muita gente curiosa que adora ler a carta dos outros. Carlinhos."

Há também uma outra, bem significativa, de uma lésbica:

"Prezada Roberta

Estou lhe escrevendo a fim de lhe contar um problema que tenho e que é um segredo. Achei que você era a pessoa certa para me compreender. Há algum tempo conheci uma garota chamada Mônica e desde a primeira vez que a vi senti atração por ela. Eu não me cansava de ficar olhando para ela,

só tentava disfarçar para ela não notar. Com o passar dos dias eu só sentia vontade de ficar junto dela e quando nós estávamos conversando eu me imaginava beijando-a e abraçando-a. Mas não passou de vontade, por eu não tive coragem de falar. E se falasse ela acharia ridículo e eu perderia a chance de ficar conversando com ela. Além disso minha mãe e meus colegas ficariam sabendo do meu segredo. Mônica casou em 1982 e foi morar longe daqui. Nunca mais a vi e apesar de ter passado esse tempo ainda resta uma lembrança dela na minha cabeça.

No dia da final do concurso de Miss Brasil eu estava assistindo ao programa do Chacrinha e vi você. Fiquei vidrada na televisão. Passados uns dias continuei pensando em você e acho que estou apaixonada. Você deve saber como é duro uma pessoa querer alguém e saber que isso é quase impossível...

E um dos meus sonhos é ter você perto de mim ao menos uma vez. Eu não a vejo como travesti e sim como uma linda mulher e nos meus sonhos eu sou sempre o homem. Se eu pudesse escolher meu sexo, eu escolheria ser homem. Roberta ninguém além de você sabe que sou desse jeito.

Espero que você possa ter um encontro comigo apesar de sua transa ser outra. Achei a maneira de você conquistar o que queria bárbara. Pena eu não ter coragem de contrariar minha mãe e nem ela nem ninguém aqui em casa me apoiaria.

Tenho 17 anos, mas não pense que isso que eu sinto por você é uma coisa boba e que vai passar porque eu sei muito bem o que quero. Além de você e da Mônica eu jamais me interessei por rapazes.

Roberta, só te mandei essa carta porque achei que você me compreenderia e me ajudaria. Eu não agüento mais ter isso sufocado apenas comigo.

Para eu saber que você recebeu minha carta, na segunda parte do programa do Chacrinha dê uma piscada quando a câmara te focalizar. Te gosto muito, Helena."

E, no meio de todas, destaca-se uma, por ser irresistível em sua simplicidade:

"Sou do interiô de São Paulo istou a pouco tempo na capital e sempre que vejo ocê falando na televisão fico pensando que baita mulherão essa mulhé é

Sempre ouço falá que ocê num é muié que ocê é aqueles bicho que é home e vira em mulhé

Isso só pode se inveja ocê num acha?

Os home que fala isso tem raiva purque chega em casa e num vê um mulherão qui nem ocê eles vê aqueles bucho de mulhé aquelas mulhé que é mais feia que diabo comendo jiló

Ocê é meió que bolo de milho é o que eu digo pra todos mas sempre dão risada de eu num sei purque

Quando eu vi as fotos de ocê peladinha na Peibói eu quase murri eu só não entendi purque estava iscrito que ocê confunde muita gente

Ué confundí o que? Ocê é uma mulhé uma mulhé inconfundível

Sabe eu acho que nós dois eu e ocê forma um belo de um cazarzinho

Uma flor pruma flor

Por favô me responda esta carta que eu ficarei muito feliz memo.

Tiau Robertinho."

Por fim, tem uma carta contendo uma ameaça de morte. Ela foi colocada no correio em dezembro último, depois que saiu na imprensa a notícia que Roberta lançaria um livro com sua história. Escrita à máquina, a carta anônima ameaçava, não só Roberta como d. Maria, de morte, caso o conteúdo do livro revelasse o nome de ex-namorados.

O que ela falaria no livro virou assunto para todas as revistas e jornais e sobrou para mim. Enquanto eu escrevia, não foram poucos os que se aproximaram para perguntar sutilmente se ela falaria nomes no livro. Mas o pior mesmo foi descobrir que muitos de meus amigos faziam críticas ao fato de eu estar escrevendo sobre a Roberta Close. Para eles, era inadmissível que eu, Lucia, uma mulher casada e mãe de duas filhas, "me envolvesse com esse tipo de pessoa"! Não faltaram as piadas, os risinhos escusos e os comentários agressivos nos três meses de trabalho com a Roberta. É mesmo um espanto descobrir tal nível de preconceito nas camadas teoricamente mais esclarecidas.

ROBERTA CLOSE

O FENOMENO DO SÉCULO XX

Capa de ERIVALDO

Autor: EXPEDITO F. SILVA

ROBERTA CLOSE, O FENÔMENO DO SÉCULO XX

AUTOR: EXPEDITO F. SILVA.

Vinde musa que inspira
A minha sagrada meta,
Mandai-me neste momento,
Uma luz clara e correta
Para escrever à pedido,
Os galanteios da Roberta.

Roberta virou Manchete,
Nas TVs e nos jornais.
Fenômeno este que vimos,
Lances sensacionais,
Causando inveja para uns,
E alegria aos demais.

Discussão, delírio e inveja,
Muitos dando opinião.
No entanto outros querem,
De Roberta o galhardão,
Assim vive a linda Close,
Entre aplausos e discussão.

Tudo porque ela tem,
Muito charme e bonitesa,
Corpo liso,pernas justas,
Sinal de muita beleza,
Dedos finos, unhas largas,
Que lhe deu a natureza.

Cercada por jornalistas, na primeira viagem à Colômb

AS cartas dos fãs pedem conselhos, contém declarações, exigem respostas

A musa do carnaval Roberta Close participou de u
verdadeira maratona momesca, dividindo sua bel
(e fôlego!) entre três concorridos bailes cariocas.
À esquerda, com o anfitrião da noite *Parabéns À
Você*, Guilherme Araújo, acima com Ricardo Ama
no *"Borbulhante"* Hippo e, abaixo, num raro flagra
solitário no *Baile das Panteras*, na danceteria
Mamão com Açúcar, preferida da juventude doura

Presença disputada em todos os grandes bailes, Roberta Close foi eleita

5

Tudo ou nada

Nunca me esqueço do meu primeiro vestido:

era azul-marinho com bolinhas vermelhas.

Roberta Close ganhou as páginas das revistas e dos jornais em 1981 durante o Carnaval. Ela foi aos bailes *gays* da cidade e causou um furor enorme nos salões com sua aparência superfeminina e "hormonizada". Foram milhares de cliques registrando o fenômeno e marcando a paixão da mídia por Roberta.

Ela tinha apenas 17 anos, transpirava frescor e sensualidade, um *look* absolutamente juvenil, com singelas flores nos cabelos, bronzeadérrima, contrastando com a aparência dos travestis, muito pintados. Parecia diferente dos outros, parecia uma mulher de verdade: os cabelos, o corpo, o jeito de se comportar e de falar. O sucesso foi instantâneo.

Em qualquer baile aonde Roberta Close chegasse, fechava.

O jornaleiro do bairro em que ela morava com sua avó fez questão exibir na banca de jornais, com destaque, suas fotos exuberantes, na quarta-feira de Cinzas, o que deixou o pai de Roberta ainda mais zangado.

"Meu pai me deu uma dura quando viu as revistas. Em vez de ficar feliz com o meu sucesso, me bateu, disse que

aquilo era uma vergonha, porque, além de estar horrível, eu ainda ficava me exibindo pra todo mundo."

Roberta estava banida de casa, mas seu destino como pessoa pública estava traçado. Num dos bailes de Carnaval ela conheceu o empresário dos baianos, Guilherme Araújo, que então produzia o primeiro Gala *Gay*, no Canecão.

"O Guilherme me ajudou muito. Ele me achou muito bonita, me convidou pra todos os seus bailes, me tratou como um ser humano. Foi ele que me apresentou ao Caetano Veloso, à Gal Costa, a um punhado de artistas. Senti que a partir dali minha vida ia melhorar."

O próximo passo na escalada de Roberta rumo ao sucesso era aparecer num programa de TV, de preferência em cadeia nacional. E Flávio Cavalcanti foi o primeiro a entrevistá-la. A aparição de Roberta Close rendeu-lhe um Ibope majestático. A entrevista começou com a luz do palco apagada e Flávio anunciando: "Agora vocês vão conhecer uma garota que é um garoto."

Roberta Close vira mito

Logo depois ela fez sucesso na TV Bandeirantes desfilando para Clodovil, ganhou um concurso de *Miss* Brasil *Gay* em Santos, e tumultuou o concurso oficial de *Miss* Brasil que Silvio Santos organizava, aparecendo, superfeminina, no palco, desbancando as que eram candidatas.

Entre março e outubro de 1984, ela foi capa da revista *Contigo* oito vezes. O repórter Ricardo Faria, que fazia a cobertura sistemática de Roberta, diz que a tiragem da revista crescia sempre que ela era a garota da capa. Foi ele quem revelou em primeira mão ao país como ela ficou depois da operação.

Roberta também foi capa do *Pasquim*. Entrevistada com pompa e circunstância e paparicada pelo jornalista Tarso de Castro, presenciou o ato falho de Jaguar, descrito na entrevista, ao desenhar um bigode em cima de uma caricatura dela.

O publicitário Roberto Medina, da Artplan, não perdeu tempo e convidou o fenômeno para estrelar um comercial de armários embu-

tidos das Casas Gelli com o *slogan* : "Tem coisas que a gente pensa que é mas não é"; e a Du Loren, sempre polêmica, apesar de ainda não ter o *marketing* agressivo dos anos 90, explicitou o preconceito ao usar num outro anúncio publicitário a frase: "Se uma pessoa que se chama Luiz Roberto se transforma numa mulher maravilhosa, imagine uma mulher normal."

Rita Lee citou o nome de Roberta Close numa de suas músicas, *Todas as mulheres do mundo:* "toda mulher quer ser amada/ toda mulher quer ser feliz/toda mulher se faz de coitada/ toda mulher é meio Leila Diniz" — ao lado de outras brasileiras transgressoras e vitoriosas como — "Sônia Braga, Luiza Erundina, Pagu/ Leila Diniz, minha mãe/ Roberta Close e Elvira Pagã."

O sucesso de Roberta Close — homenageada até em livrinhos de literatura de cordel — incomodava homens frustrados e mulheres inseguras, e as minorias a procuravam, querendo que ela empunhasse todas as bandeiras.

"Todo mundo me procurava pra defender uma causa e eu só queria era me afirmar como mulher. Os homossexuais baianos eram tão radicais quanto as feministas.

Algumas das mulheres, bem agressivas, exprimiam seu desagrado em relação a mim, cuspindo, quando eu passava, ou fazendo cara de nojo, porque, quando eu surgia numa festa, os fotógrafos me acompanhavam e deixavam elas de lado. Foi nessa época que Erasmo Carlos me viu num baile no Pão de Açúcar e não acreditou quando os garçons disseram: 'Tá vendo aquela mulher linda ali? Ela não é mulher, não. Aquela, ali, é um homem.'

Os garçons me apontavam e todo mundo que estava no baile queria me ver. Eu ia ao banheiro e uma fila de gente me seguia. Aí o Erasmo viu o interesse que eu despertava e teve a idéia de fazer a música *Close* falando que a mulher mais bonita do pedaço não era uma mulher; era um homem. Ele não sabia ainda que eu não era um homem e sim um hermafrodita."

Close

Roberto e Erasmo Carlos — 1984

Ah...lalala
Lalalala
Lalalalal
Quase que ela engana minha *zoom*
Meu pecado mais comum
Uma pinta nos lábios carnudos
Um par de seios fartos e desnudos
Uma maravilha de pequena
Carioca cena
Supervitamina pros reflexos
Tão complexos de ambos os sexos
Tão quente que o Sol se ressente
Seus raios batem palmas pra ela
Que acende um cigarrro no corpo
Dá um *close* nela
Não fosse o gogó e os pés
A minha lente tava na dela
No ponto da mulher nota 10
Dá um *close* nela
Atrás dela
Ajeita o foco, ajeita o foco
Sai da frente rapaz
Quero ver essa fêmea
E aí?
Ah...lalalala
Lalalala
Lalalal

Fêmea pra ninguém botar defeito
Um tesouro de mulher dourada
Com sua tanga
Que dá pra mim é nada
Num dado momento
Faz a praia inteira levantar
Numa apoteose à beira-mar
Tão quente que o Sol se ressente
Seus raios batem palmas pra ela
Que acende um cigarro no corpo
Dá um *close* nela
Não fosse o gogó e os pés
A minha lente tava na dela
No ponto da mulher nota 10
Dá um *close* nela
Lalalala
Ohohohoh
Quero ver o filme como fica
A história do trintão
que era a sereia mais bonita
Aahdaha...
Lalalalala
Ohohohoh
Quero ver o filme como fica
A história do trintão
que era a sereia mais bonita
Ahahahaha
Hohhoho...
Tem que olhar direito
Tem que olhar direito
As aparências enganam
Parece que é, mas não é.

Esta música de Erasmo e Roberto, injusta com Roberta apenas no detalhe do gogó, que ela nunca teve, virou clipe no *Fantástico* e Roberta Close, assunto nacional. E a história de Roberta parecia agradar em cheio ao público. A propaganda dos armários Gelli, publicada na *Playboy* na coluna "Click", despertou o interesse de dezenas de leitores que telefonaram para a redação pedindo mais. Resultado: Roberta foi convidada a fazer seu primeiro nu, vendeu milhares de revistas e os convites para *shows* começaram a chegar. Ela foi o primeiro "hermafrodito" brasileiro a ganhar a posição de *star.*

Entrevistada pela revista na churrascaria Plataforma, o interesse despertado por Roberta nos freqüentadores foi comparado pelo jornalista Ivo Cardoso ao furor que a atriz Marilyn Monroe provocou quando da exibição do filme *Os homens preferem as louras*: "Todos pararam de comer para olhar para nós. Fui cumprimentado por gente que antes não falava comigo e presenciei uma cena explícita de tietagem vinda de um gerente de uma multinacional, que passou para Roberta, por debaixo da mesa, um cartão com seus telefones de casa, do trabalho e até da casa de campo... "

O psicanalista Eduardo Mascarenhas escreveu vários artigos

sobre Roberta e disse que seu aparecimento era um marco na vida social do país: "Roberta foi a primeira pessoa a transmitir um sentimento de sensualidade e ternura e não o clima habitual de agressividade e ódio pelo que é diferente."

Incensada pela mídia, jurada semanal do *Chacrinha*, Roberta divertia-se aos domingos, sentada ao lado da mãe em casa, assistindo na TV aos concursos de clones seus no programa do Gugu Liberato, com o público elegendo qual o travesti que mais se parecia com ela.

Roberta Close virou celebridade!

Durante uma viagem a trabalho para o Ceará, ela não conseguiu ver o filme *Scarface* no cinema. Dezenas de fãs entraram junto com ela e ficaram tietando: "Roberta, Roberta, Roberta!"

Na beira da praia, ao comprar toalhas de linho e artesanato, as crianças corriam atrás, vendendo pirulito e gritando "eu conheci a Roberta Close". Era a consagração total!

"Eu sabia que ia conseguir chegar aonde queria. Comecei a guardar dinheiro, de olho numa viagem à Europa pra, enfim, realizar o meu sonho maior: me operar."

Namorar era complicado

O sucesso não mudou Roberta Close. Ela continuou morando com sua avó até 1984, quando conseguiu sua independência econômica e mudou-se para Copacabana.

"Enquanto morava com a minha avó eu não levava homens pra casa, porque tinha respeito por ela. Famosa e morando sozinha, ficou ainda mais difícil namorar. Eu tinha o meu namorado fiel, o Eduardo, mas ele era comprometido e não podia me apresentar à família dele.

Quem se aproximava de mim já sabia o que eu era e muitos tinham intenções que não combinavam comigo. Eu queria encontrar o meu príncipe encantado e só apareciam homens interessados em transar com aquele mulherão que os jornais anunciavam, gente que queria me conhecer pra depois ficar se gabando na noite que tinha 'traçado' a Roberta Close.

Nas festas eu era assediada pelos homens, eles me rodeavam, me faziam propostas, apostavam entre eles quem

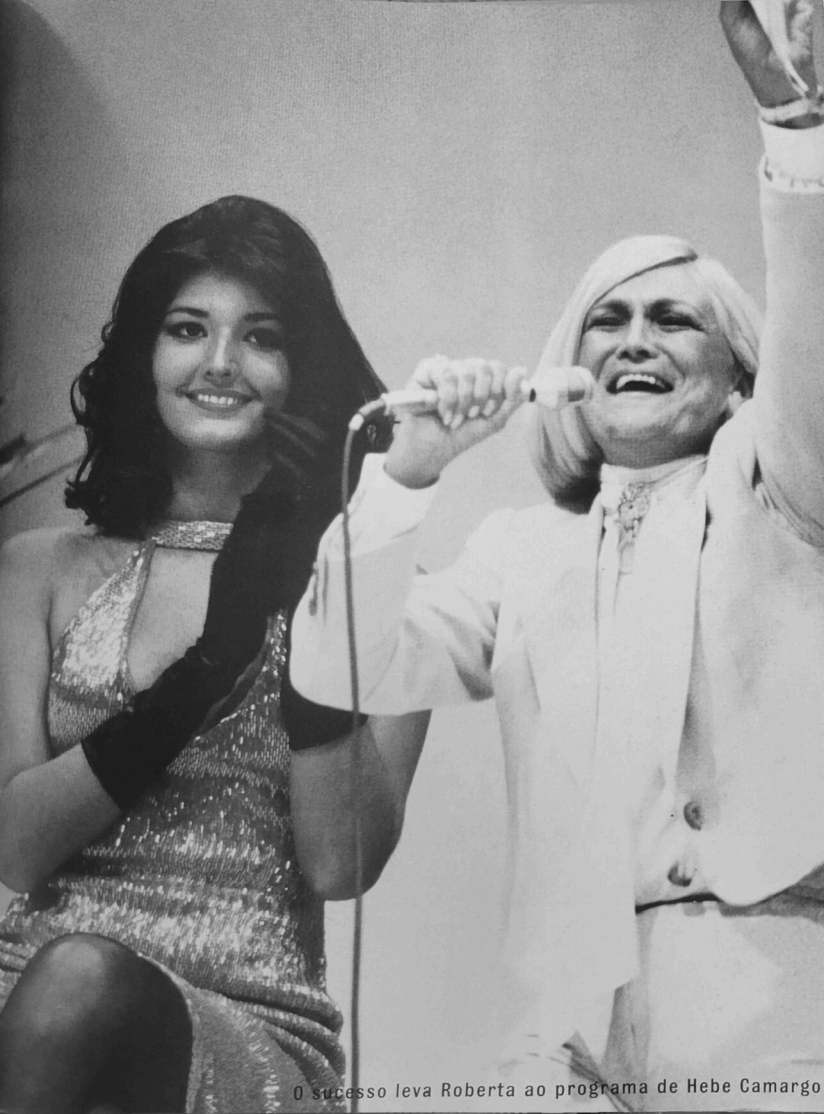
sairia comigo. Mas eu sempre saía dos bailes sozinha, com o telefone de uma meia dúzia de paqueras na bolsa, ou acompanhada dos amigos, porque o Eduardo, embora não aparecesse publicamente ao meu lado, era o meu namorado e estava me esperando em casa.

Quando alguém me interessava muito, era bonito, bem-tratado, eu telefonava de volta e a gente acabava se encontrando. A minha preferência sempre foram os louros, com olhos claros, nem de longe aqueles musculosos com pinta de seguranças, mais parecendo uns armários. Gosto mesmo é de homens carinhosos e capazes de me fazerem sentir mulher na cama."

Começaram a aparecer os fãs em todo o Brasil. Roberta despertava a atenção tanto de homens quanto de mulheres e homossexuais. Mas, ao contrário da maioria das estrelas, nunca se interessou em conhecer e estimular o fã-clube que foi aberto em Brasília. Mesmo assim eles continuam mandando cartões e telefonando quando sabem que ela está no Brasil.

A sistemática aparição nas revistas de fofocas e nos jornais, em reportagens nem sempre favoráveis, não fizeram de Roberta Close uma pessoa estressada. Ela surpreende quem a conhece porque parece estar de bem com a vida, não fazendo o gênero deprimido. Está sempre cercada de pessoas de bom astral, embora reconheça ter dificuldades em fazer novos amigos e ser aceita pelas mulheres.

> "Elas nunca me olham com naturalidade, nem sentem-se à vontade ao meu lado. Quando passa uma mulher bonita eu olho, mas sem desejo. Também admiro os *gays*, porque eles vivem quebrando as normas, são mais livres, mas não faço parte dessa turma. Às vezes olho em volta e não me sinto pertencendo a nenhum grupo, me sinto pairando no ar. É uma sensação muito esquisita, desconfortável."



O sucesso leva Roberta ao programa de Hebe Camargo

FOTO: RICARDO CHAVES

FUNCIONÁRIOS ESTADUAIS ENTRAM NESTA

SALÁRIOS DE JULHO VÃO SUBIR 68,4%

VEJA QUANTO VOCÊ VAI GANHAR NA PÁG. 3.

250,00 NOTÍCIAS populares
O JORNAL DO TRABALHADOR
Administração e oficina: Al. Barão de Limeira, 425 — EDITOR RESPONSÁVEL: IBRAHIM RAMADA
São Paulo, quinta-feira, 7 de junho de 1964 — N.º 7.344

ERASMO CARLOS DESMENTE CASO COM ROBERTA CLOSE

ESPOSA DO CANTOR EM ESTADO GRAVE NA UT

NINGUÉM CONFIRMA A TENTATIVA DE SUICÍDIO

TÁ POR UM FIO
Pág. 10

DO 26.º ANDAR
Moça japonesa voa do edifício Martinelli
"Últimas Notícias" pág. 2

Magnatas do Rio e pequenos bicheiros unidos em São Paulo

Os pequenos contraventores da cidade agora com a proteção dos banqueiros cariocas. Página 8

REPORTAGEM EXCLUSIVA COM TODOS OS DETALHES NA PÁGINA

PMDB expulsa o deputado do escândalo

Labaredas de Satã torram 190 milhões de 4 empresas

O material atingido nos 2 incêndios era de fácil combustão e os bombeiros tiveram muito trabalho para apagar, Pág. 8

EM OSASCO
MENININHA MORTA NO RITUAL DE MACUMBA
PAG. 7

Trabalhadores bronqueados protestam contra Sabesp
PÁG. 4

Professora se mata na Zona

Em Carapicuíba
Matador do cabo França executado pelos comparsas

FOTO: CRISTINA GRANATO

FOTO: CRISTINA GRANATO

oberto e Silvinho, carnaval d

Roberta e Luiza Brunet: uma incrível semelhança

FOTO: CRISTINA GRANATO

Roberta e Vera Fisher, no Calígola, em 198

FOTO: CRISTINA GRANATO

FOTO:PAULO ROCHA

FOTO: TRIPOLLI

FOTO: TRIPOLLI

FOTO: TRIPOLLI

FOTO TRIPOLLI

FOTO: MARISA ALVES DE LIMA

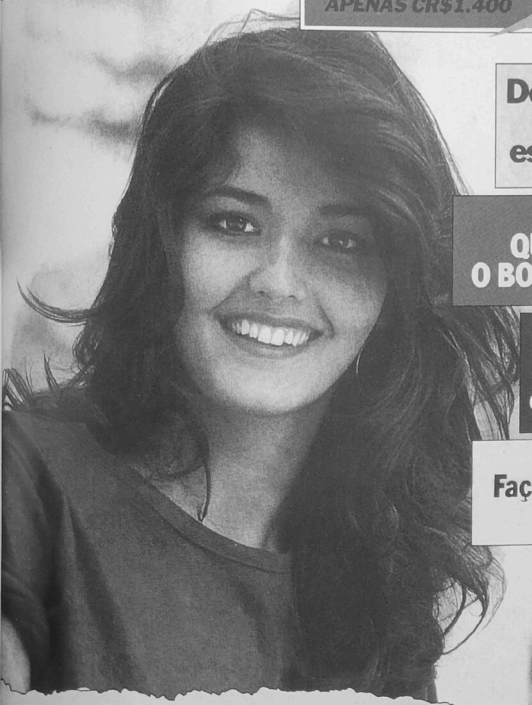
FOTO: PAULO ROCHA

FOTO: PAULO ROCHA

FOTO: REVISTA SUBSTANTIVO

ROBERTA CLOSE ABRE O JOGO

n.º 457 - 25 de Junho de 1984
superstar
contigo!
APENAS CR$1.400



EXCLUSIVO
Descobrimos o filho que Cid Moreira esconde do público
pág 8

PARTIDO ALTO
QUEM ENVENENOU O BOMBOM DE AMOEDO
pág 13

Narinha, fora de perigo, já pode contar a verdade
pág 10

MODA MOLHADA
Faça em casa o cabelo à Michael Jackson
pág 34

E MAIS:
- Porque os homens estão fascinados pelo travesti
- Como ela é recebida na granfinagem
- Como a psicanálise vê o fenômeno

Industriais, artistas e até jogadores de futebol. Todos querem uma noite de amor comigo" pág 4, 5, 6 e 7

Em Nova York, com Jorge Amado e Zélia Gattai

FOTO: AZUL PRESS

Roberta e Caetano

FOTO: CRISTINA GRANATO

Roberta com Roberto Carlos, após um show

Close
BISSEXUALISMO
Um novo
conceito de
sexualidade
DESISTI
DE SER
HOMEM
AOS
14 ANOS
Travestis
"O
HOMEN
QUEREM
É DA
PRA
GENTE
ADY FRANCISCO
TRA CLOSE:
EU
FECHO
É COM
A TEM"
RONDÔNIA, ACR

6

O céu é o limite

No mundo *gay* as pessoas são mais honestas consigo mesmas.

Ninguém esconde as suas preferências sexuais.

FOTO: TRIPOLI

Com o passar dos anos Roberta percebeu que precisava deixar o Brasil para crescer, ampliar o círculo, ousar mais. Sentia que aqui não tinha mais chance. Já tinha experimentado o teatro — durante um ano participou do elenco da peça *Uma vez por semana*, ao lado de Jece Valadão, Monique Lafond e Kate Hansen; o cinema — fez uma ponta no filme *O escorpião escarlate*, de Ivan Cardoso; a televisão — apresentou um programa de entrevistas na TV Manchete a convite de Fernando Barbosa Lima. Mas sempre aparecia alguém na mídia reclamando que ela estava no lugar errado.

Em qualquer atividade em que se envolvesse, Roberta via-se perseguida. Foi proibida de ser modelo e de trabalhar como atriz — porque não tinha cursinho, embora fizesse teatro de revista desde 1979.

> "Uma parte da Imprensa sempre me tratou muito mal. Insistiam em se referir a mim como um travesti. Falavam como se eu fosse uma idiota. Eu dizia uma coisa, publicavam outra. Eram só ataques, ataques e comparações baixas. Não respeitavam os meus sentimentos, me usavam apenas pra vender revista."

O namorado Eduardo convenceu a família Gambine que estava na hora de Roberta partir e se estruturar para se submeter à operação de mudança de sexo na Europa.

Roberta, sempre corajosa, decidiu arriscar sua carreira no exterior. Por sorte, na mesma época, ela tinha terminado as filmagens de *Si tu vas à Rio... tu meurs*, uma comédia de Philippe Clair, filmada no Parque Lage. Aldo Maccione fazia um papel duplo, de um padre e de um malandro se aventurando pela cidade, e se envolvia com Roberta, que aparecia fazendo a barba no final! Era uma produção da Gaumont e Roberta foi convidada para ir à pré-estréia em Paris.

"Eu queria provar pra mim que tinha condição de realizar os meus sonhos, de viver como uma mulher. E sabia que só no exterior isso seria possível. Somente poucas pessoas no Brasil se aproximavam de mim sem preconceitos. E os mais simples me adoravam. Uma vez, uma senhora com quem eu viajei pra Salvador puxou conversa comigo e quando eu disse

que ia ao baile de Oxum ela me desestimulou. Ela disse que aquele não era um ambiente adequado para uma moça como eu, porque tinha muitos travestis..."

Bye, bye Brasil

Ao viajar para Paris, há dez anos, Roberta Close já tinha alguma experiência profissional na Colômbia, na Venezuela e nos Estados Unidos — onde participou de vários bailes e desfiles — mas ficou deslumbrada com a Cidade-Luz.

"Quando cheguei em Paris nunca havia visto neve. Foi maravilhoso sair do aeroporto e encontrar aquela cidade tão requintada, com tantos anos de história, onde tudo funcionava. Aquela atmosfera tinha tudo a ver comigo, com alguém que gostava de moda, da noite, sonhava com um amor eterno.

Foi o máximo andar no metrô e reconhecer minhas fotos nos cartazes do filme *Si tu vas à Rio... tu meurs*, colados nas estações.

Era maravilhoso ir à Torre Eiffel, que eu tanto sonhava em conhecer. O Champs Elysées, as butiques das maiores grifes, o rio Sena. Ao meio-dia as mulheres andavam na rua com casacos de pele, a gente podia parar num bistrô, tomar café com *panaché*, conhecer a mesa de Hemingway no La Coupole. E também os bares e restaurantes do Quartier Latin, o Museu D'Orsay com a sua coleção de quadros impressionistas. Tudo parecia um sonho!

Senti que naquela cidade teria chance de ampliar a minha carreira, não só de atriz mas também de modelo."

A descoberta do Primeiro Mundo

Além de participar de programas de televisão falando sobre o filme *Si tu vas à Rio... tu meurs*, Roberta fez contatos com agências internacionais e percebeu que podia ter trabalho na Europa.

Voltando ao Brasil, era em Paris que Roberta pensava. E ela decidiu ir trabalhar novamente no Primeiro Mundo, mas estava difícil voltar à França porque os brasileiros precisavam ter visto de traba-

lho. Foi quando surgiu um convite para fazer uma turnê pela Suíça com um *show* de vedetes.

"Aí eu já estava definitivamente atraída pela Europa e resolvi aceitar. Lá eu era uma mulher sem nenhum passado, os homens me olhavam na rua interessados na brejeirice brasileira. Morena, alta, eu me destacava na multidão de louras e chamava muita atenção: Finalmente me sentia desejada como uma mulher de verdade."

Decidida a crescer profissionalmente, Roberta deixou de lado o namorado, Eduardo, investindo em sua profissão para poder sobreviver e viajar por onde desejava.

"Nunca tive homens ricos que me sustentassem. As pessoas falam que eu era uma mulher de vida fácil, mas é um grande engano. A minha independência fui eu que conquistei com muito trabalho. Eu briguei pra ganhar dinheiro e poder sobreviver com dignidade. Fazia *shows* por toda a Europa."

Roberta Close aproveitava as folgas na agenda para viajar. Hoje, se orgulha de conhecer bem a Inglaterra, a Espanha, a Itália, a Grécia, a França e a Alemanha. Sente-se à vontade em todos os lugares. Mas, de início, a vida era dura na Europa. Roberta só pensava em trabalhar para manter sua independência e continuar morando no exterior. Não tinha tempo de pensar em namorados. Já se falava em Aids; Roberta perdeu alguns amigos com a doença e tinha medo de se envolver com algum viciado em drogas, ou pervertido, que a contaminasse. Entre os anos 87 e 88, evitou namorar. Viveu uma fase totalmente direcionada para o trabalho.

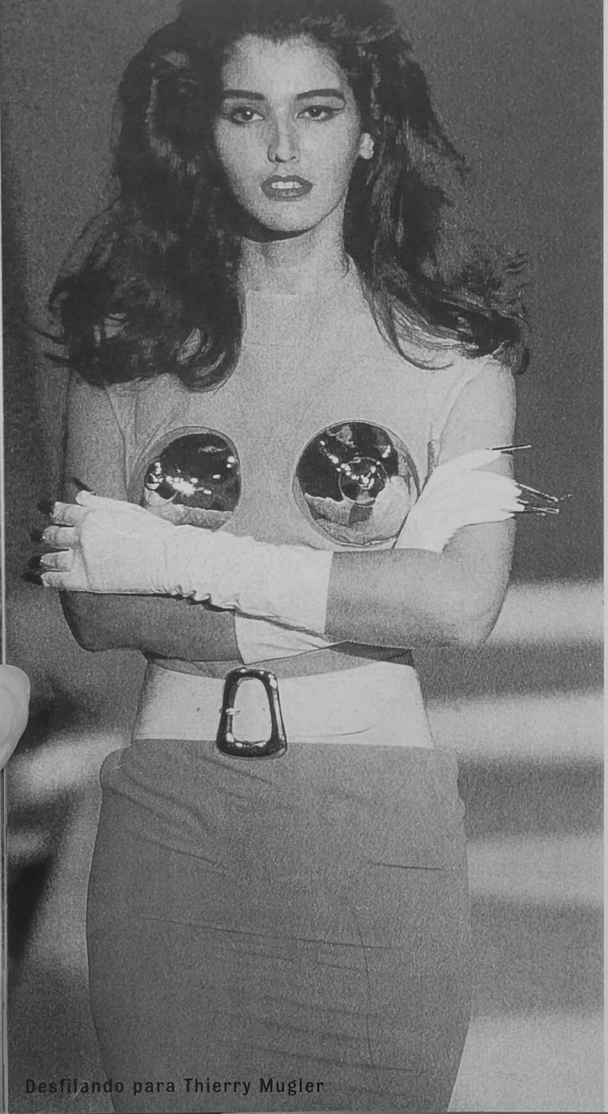
Mesmo assim não esquecia seus sonhos.

"Eu sempre sonhei em me ver nas revistas, em ser uma estrela, em conhecer de perto, muito de perto, todas as celebridades da minha época. Sentia que tinha tudo para chegar lá, era só investir no meu potencial, trabalhar nos lugares certos.

Na Europa tudo me parecia mais fácil."

SI TU VA
RI

Cartaz da comédia que levou Roberta à Europa



Desfilando para Thierry Mugler

7

Corte radical

Depois da operação foi um problema decidir com quem eu ia estrear o meu novo sexo

Era uma fila de homens se oferecendo. Mas eu queria que fosse alguém

que não soubesse da minha história e me desejasse como uma mulher de verdade.

FOTO: TRIPOLLI

A primeira referência ao transexualismo foi feita por Harry Benjamim, em seu *Dicionário de medicina e biologia*, publicado em 1953. Sua definição: "Transexualismo é o sentimento manifestado por um indivíduo de sexo determinado de pertencer ao sexo oposto e, desejo intenso, freqüentemente obcecado, de mudar sua conformação sexual para viver sob uma aparência condizente com a imagem que faz de si mesmo."

Roberta Close, no Brasil sempre chamada de travesti, e mais recentemente de transexual, quer daqui para a frente que seja reconhecida sua condição de hermafrodito. Ela afirma que seu sexo sempre foi anormal e que nunca foi um homem com cabeça feminina. Ao contrário, sempre se pensou mulher.

"Além de não ter testículos aparentes, nunca tive sêmen, nem mesmo ereção. O que eu tinha era um pênis do tamanho do de um rescém-nascido pelo qual urinava. Com 12 anos, com alguma ajuda de hormônios, os meus seios começaram a se desenvolver. Nunca tive pêlos nas pernas, nem barba, nem bigode, nem pomo-de-adão. A minha voz nunca mudou.

Na minha cabeça, o meu corpo era de uma menina. É só observar a minha testa, estreita como a de uma mulher, e a conformação de todos os meus dentes. Não tenho sinais masculinos no meu corpo."

O hermafroditismo de Roberta foi divulgado a primeira vez pela jornalista francesa Caroline Rochman, na edição de outubro de 1997 da revista *Marie Claire*. Ela trata Roberta como hermafrodito e cita palavras da psiquiatra Colette Chiland, autora de *Mudança de sexo* para confirmar sua tese: "Não existe o terceiro sexo. Atualmente, quando uma criança nasce sem testículos, faz-se um exame para verificar a fórmula cromossômica e decide-se, observando todo o conjunto de características, o sexo que deve ser declarado. O hermafroditismo não deve nunca ser confundido com transexualidade, porque o transexual não apresenta uma anormalidade biológica como o hermafrodito. O transexual tem o sexo normal, mas em sua cabeça ele acredita pertencer ao sexo oposto. O hermafrodito por sua vez, nasce com características sexuais anormais e é seu comportamento e sua evolução que indicam qual é o sexo preponderante."

Roberta Close seria o que Inajá Guedes de Barros explica em seu esclarecedor livro *Intersexualidades* — "um pseudo-hermafrodito masculino" — porque ela nasceu com o cariótipo 46XY, porém seus órgãos genitais externos eram ambíguos: parcialmente masculinos e com aparência feminina.

Para a medicina, o hermafrodito verdadeiro é o que nasce com os órgãos reprodutores de ambos os sexos. Entretanto, é complexo o enquadramento de uma pessoa nessa classificação, porque as características sexuais são difusas, principalmente no que diz respeito à anatomia, uma vez que os genitais podem apresentar-se confusos e, na maioria das vezes, não há produção de espermatozóides .

"Sempre fui uma menina. A minha história não é a de um homem que virou mulher como a mídia insiste em contar. Desde muito pequena eu me sentia uma menina, embora os meus pais me vestissem e me penteassem como um homem. O problema é que eu cresci num tempo em que o Brasil vivia sob uma ditadura militar muito violenta e convivi com a

repressão durante a minha adolescência. Só nos anos 80, quando o processo de democratização começou a acontecer, é que passei a ser menos maltratada.

No Brasil nunca fui examinada por médicos e nem mesmo eu sabia o que tinha de diferente. Só quando fui pro exterior e me informei melhor sobre a minha condição é que descobri as minhas reais condições de hermafrodita."

Roberta também se identifica com os sentimentos dos transexuais, descritos pelo psiquiatra norte-americano Robert Stoller: "O transexual masculino ao sair com homens e ao ter relações sexuais jamais permite que um homem toque ou olhe seus órgãos genitais, pois para ele é algo vergonhoso. Se um homem mostra um interesse particular pelos órgãos genitais externos de um transexual, ele o considera como homossexual e não quer ter relações com ele."

No mundo, o primeiro transexual a virar mulher foi o soldado norte-americano Christensen Jorgensen que mudou de nome em 1952 e morreu há dois anos, de câncer, aos 62 anos, deixando uma autobiografia escrita em 1967.

Até agora, apesar dessas e de outras definições de especialistas e das dezenas de casos comprovados de pedidos de mudança de sexo no país — o dr. Roberto Farina, um dos especialistas brasileiros mais requisitados nesse tipo de cirurgia, acredita que, só de transexuais, existem 1.500 operados no Brasil — as leis brasileiras parecem ainda não ter assimilado essa realidade. A maioria dos juristas nem aceita a classificação de transexual. Para eles vale a definição do paulista Valdir Scnick em seu livro *Aspectos jurídicos da operação de mudança de sexo,* escrito em 1979: "O que existe é o homossexual e o travesti. O transexual apresenta ambas as características, e a pretensa vontade de mudar de sexo não justifica tal cirurgia, muito menos as alegações de que inexiste tratamento melhor e mais condizente com a natureza do respeito humano."

Xavier Thevenot, doutor em teologia, professor de Teologia Moral do Instituto Católico de Paris e especialista em questões de ética sexual, conheceu muitas pessoas "perturbadas" e prestes a cometerem o suicídio por causa de sua transexualidade. Ele é favorável

à legitimidade ética da operação e propõe entender o transexualismo "não como um vício moral, mas como um pesado defeito que perturba gravemente a existência do indivíduo".

Minorias sexuais

Quando viajou para a Europa em 1987, Roberta conheceu vários transexuais operados e decidiu que a operação de mudança de sexo seria a solução para seu problema.

Mas sempre adiava porque tinha medo que não desse certo. Todos aqueles com quem conversava sobre o assunto a desaconselhavam, dizendo que ela ia ficar defeituosa, louca, não conseguiria mais fazer xixi. E, o pior, não sentiria mais nenhum prazer, além de correr o risco de ter, com o tempo, a nova vagina fechada.

Mesmo assim ela decidiu arriscar. Com o auxílio de seu primeiro namorado, Eduardo, filho de diplomatas e com o domínio perfeito do inglês, ela conseguiu marcar a operação com o médico inglês James Dalrymple no hospital Charing Cross, em Londres, para agosto de 1989.

Na Grã-Bretanha são realizadas anualmente 120 operações de adequação de sexo nas sete clínicas do Serviço Nacional de Saúde. Lá, as operações são gratuitas para os britânicos e para os estrangeiros custam entre seis e vinte mil dólares.

"Nessa época no Brasil não era comum se falar em transexuais e muito menos em hermafroditas. Antes de me operar, nunca um médico soube definir pra minha família o que eu era de verdade. Eu só conhecia travestis, *drag queens*, com comportamentos totalmente diferentes do meu.

Os travestis só querem ser mulheres no momento em que estão se maquiando e fazendo um *show*. E mesmo que queiram, não têm atributos femininos pra serem mulheres. No ato sexual o travesti sempre se comporta como homem.

O homossexual homem é aquele que tem relações com outro homem. Os dois têm barba, bigode, mas sentem atração pelo próprio sexo. Enquanto eu tenho todos os traços de mulher, sempre fui mulher 24 horas por dia. Com a operação consegui o que faltava: ser genitalmente mulher."

Hoje, além dos homossexuais, dos transexuais e dos travestis, Roberta encontra pessoas com outros tipos de comportamento pelo mundo:

• *drag queens* — homens que se vestem de mulher para sair à noite e ir aos clubes em busca de diversão. Originários dos clubes *gay* e *mixed* de Nova York, chegaram ao Brasil em 1991, junto com o fenômeno da cultura *club*. Freqüentam a noite das grandes cidades em todo o mundo.

• *cross dressers* — pessoas elegantemente trajadas com roupas do sexo oposto, que se declaram heterossexuais. Para eles os trajes não têm nada a ver com virilidade, travestismo ou transexualismo. No Tiffanny Club, em Boston, os veteranos da guerra do Vietnã passam horas com roupas de senhoras, discutindo qual arma, das usadas na guerra, era a melhor, e a Foundation for Gender Education nos EUA apóia os clubes de *Cross Dressers* e possui dez mil associados à rede.

• *daddy boys* — as *daddy boys* ou *female to male* (FTM) são um fenômeno nos Estados Unidos porque se identificam sexual e psicologicamente com os que são representantes do sexo masculino, mas com um detalhe especial. Nascidas mulheres, tomam hormônios e se fazem passar por homens *gays*. Com os hormônios adquirem barba, músculos e voz grossa e, ao contrário das transexuais femininas, as FTM sentem-se atraídas sexualmente por homossexuais masculinos.

Onde operar?

Como Roberta Close nunca fora examinada por um urologista no Brasil antes da operação, sua situação era surrealista: ninguém se atrevia a fazer um diagnóstico sobre sua condição sexual. Para a mídia ela sempre foi um travesti, independente de quaisquer explicações.

Antes de optar pelo médico inglês para fazer sua operação, Roberta se informou sobre as operações, em Casablanca, Marrocos, mas ficou assustada com o que as amigas lhe contaram.

"Em Marrocos eles maltratam os transexuais. Assim que você chega no aeroporto, você tem a sua ficha de desembarque praticamente confiscada ao revelar que vai ser operada. Eles mandam a ficha direto pra a mão do médico e fazem você assinar um termo se responsabilizando pela operação. Se morrer depois da cirurgia, de lá mesmo somem com o seu corpo. É como se você não tivesse entrado no país. Eles só fazem essas operações para ganhar dinheiro.

Além disso, as enfermeiras roubam os anéis, os brincos, as perucas e tratam as pessoas com desrespeito. Por isso, escolhi Londres pra me operar. Soube que lá tratavam todos os transexuais com respeito humano. Foi o meu amigo brasileiro que pagou parte dos quase vinte mil dólares, preço cobrado pela operação."

Na edição de 2 de outubro de 1988, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma reportagem, assinada por George Alonso, que contabilizava por volta de cinqüenta operações clandestinas de mudança de sexo no país, feitas em situação semelhante às do aborto.

Dez anos depois, pelo menos em termos médicos, a situação para o transexual começa a melhorar no Brasil. Desde outubro de 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizou as cirurgias de transgenitalização, como são chamadas as operações em que os homens ganham uma vagina e as mulheres passam a ter pênis. Elas podem ser feitas apenas em hospitais públicos e universitários em transexuais acima de 21 anos. A decisão definiu regras rígidas para estas cirurgias. Elas só podem ser feitas em casos de transexualismo comprovado — o que para o Conselho é sinônimo de "uma doença definida pela psiquiatria e caracterizada pelo desconforto que as pessoas sentem em relação aos seus órgãos genitais".

Para ter direito à operação que não leva em conta a estética, "mas que representa de libertação para as pessoas que se sentem encarceradas em seus corpos", justifica o médico Julio Cesar Gomes, do CFM, os pacientes devem se submeter a um tratamento feito por uma junta médica, durante dois anos antes da cirurgia.

A decisão do CFM foi notada pela Igreja católica. D. Angélico Bernardino, bispo-auxiliar de São Paulo, disse à revista *IstoÉ*, em 1º

de outubro de 1997: "A cirurgia não é eticamente condenável se o transexual encontra-se em uma situação limite."

No Brasil, o médico Roberto Farina, em 25 anos de profissão, já fez mais de cem operações do gênero. E garantindo que os casos malsucedidos são mínimos, ele enumera o que é necessário para se submeter a uma operação desse tipo: um relatório de um psiquiatra confirmando o caso de transexualismo primário; outro, de um psicólogo, com a análise de testes variados, na detecção do maior ou menor grau de feminilidade e do equilíbrio emocional; dosagens hormonais (andrógenos, estrógenos e prolactina) e de pesquisa dos cromossomos sexuais e cromatina sexual. "Quando há indicação, o resultado da operação é bastante razoável, sendo necessário apenas o uso de um molde vaginal por tempo indeterminado para que a vagina não feche."

Uma data especial

A operação de Roberta Close foi marcada para 13 de agosto de 1989. Ela tinha 24 anos e nunca vai esquecer a noite anterior à cirurgia, a pior de sua vida.

"Eu estava completamente perturbada, arriscando a minha vida. Tanto podia dar certo como errado. Eu estava apostando nos meus sonhos e, como num filme, vi toda a minha vida se desenrolando diante de mim. A minha cabeça estava cheia de dúvidas: o que vai ser de mim agora? Eu me aceito como sou, neste corpo deformado? Aposto tudo e viro uma mulher? Decidi que era tudo ou nada. Eu queria ser a mulher que sempre fui na minha cabeça. Queria ser uma mulher completa, me deitar na cama, de frente, com um homem."

Ao ser internada, a oeste de Londres, no Charing Cross, com a marca de trinta cirurgias de mudança de sexo por ano, Roberta seguiu a rota de exames pedida para esse tipo de operação: sangue, radiografia do pulmão, tórax, exame do coração e de Aids.

Se tivesse qualquer problema não poderia ser operada. O dr. James Dalrymple, que operou Roberta Close, seis semanas antes de fazer a operação solicitava que os pacientes interrompessem todo o uso de hormônios, reiniciando sua utilização duas semanas depois por precaução.

Hoje, no Brasil, uma operação de mudança de sexo é feita com anestesia peridural e demora apenas três horas e meia, podendo o paciente ir para casa dez horas depois.

A operação consiste em remover o conteúdo do pênis e dos testículos, usando a pele que sobra e os revestia para criar a vagina e os grandes lábios.

A cirurgia é feita na região do períneo, entre a uretra e o ânus. A uretra é recolocada na posição feminina normal, criando um espaço para a vagina.

Ao sair do hospital, o paciente vai para casa com um molde de isopor na nova vagina para que a abertura permaneça inalterada, e só entre dez e quinze dias depois o molde é retirado. Nos meses posteriores à cirurgia, o médico recomenda que o paciente continue usando o molde para que a operação tenha sucesso.

Dor e prazer

Roberta Close era a única brasileira no Charing Cross, repleto de transexuais do mundo inteiro. Durante sua permanência no

hospital, ela contabilizou no andar a presença de duas gregas, uma inglesa, uma filha de japonês com alemão e uma chinesa que era modelo. Cada uma delas estava em fase de recuperação e todas se ajudavam mutuamente.

"Fiquei 15 dias no hospital, só tomando líquidos. A gente não pode comer, senão estoura os pontos. E no início é muito ruim porque se usa uma sonda pra urinar. Eu sonhava em comer um espaguete enquanto me davam chá. Emagreci quatro quilos.

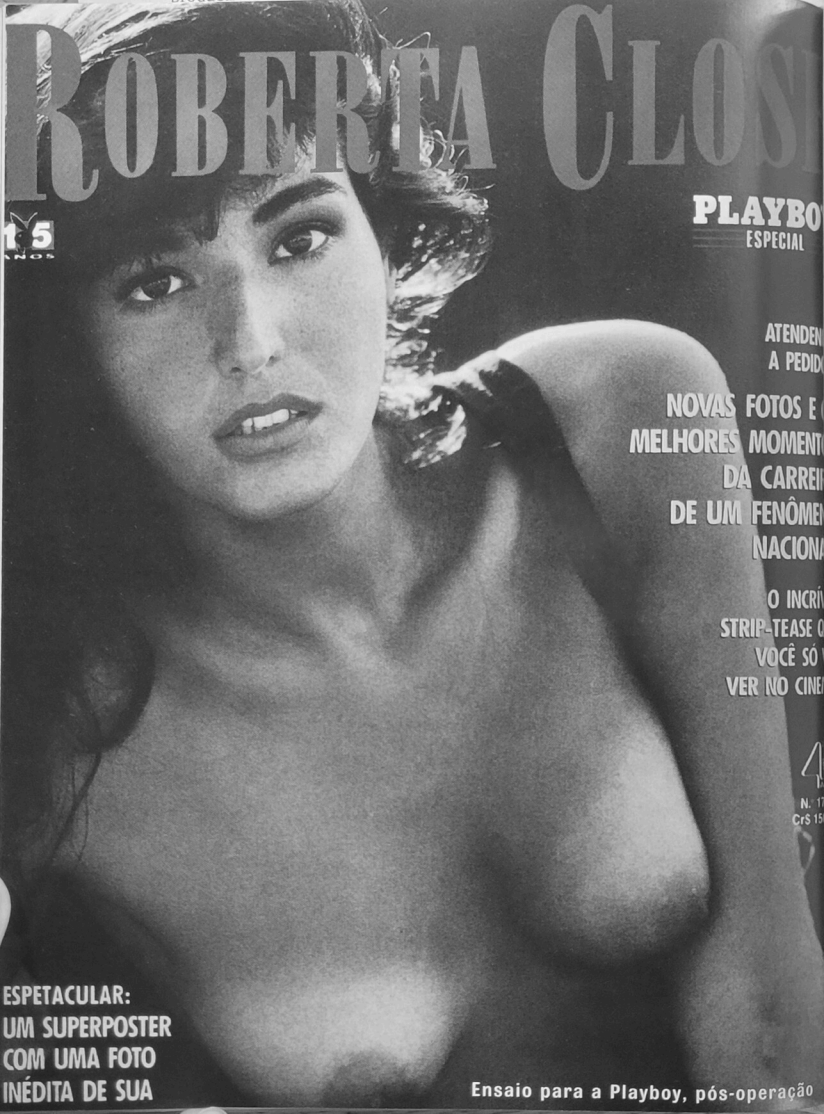
Eu sentia muitas dores, ardência, tinha dúvidas se ia ficar bem e, enquanto me recuperava, ficava pensando: meu Deus, eu não vou poder voltar pro Brasil assim. Se der algum problema, o que é que eu vou fazer da minha vida?

O médico que me operou era um homem lindo, de olhos verdes, alto, cabeça branca, parecia um artista de cinema. Ele tratava a gente com amor, carinho, muitos beijos e abraços. Não sei se aquilo fazia parte do processo, mas ele atiçava o desejo sexual na gente.

Ele gostou muito de mim e ficou impressionado de ver a quantidade de homens que me telefonava, querendo saber notícias. Chegou a proibir a passagem das ligações pro meu quarto.

A última lembrança que tenho dele é da noite em que entrou no meu quarto de madrugada, começou a me beijar e abraçar. Senti que ia acontecer algo diferente e quando eu percebi, ele estava mexendo dentro de mim, tirando algo que me parecia uma fôrma de ferro. Era o molde vaginal que é preciso usar depois da operação pra manter a vagina aberta. Apesar da dor que senti, fiquei extremamente feliz e grata. Eu sabia que a partir daquele momento era genitalmente uma mulher. Tinha realizado o meu maior sonho.

Chorei de dor e de prazer."


ROBERTA CLOSE
PLAYBO
ESPECIAL
ATENDEN
A PEDID
NOVAS FOTOS E
MELHORES MOMENT
DA CARREI
DE UM FENÔME
NACIONA
O INCRÍ
STRIP-TEASE
VOCÊ SÓ
VER NO CINE
N.º 1
Cr$ 15
ESPETACULAR:
UM SUPERPOSTER
COM UMA FOTO
INÉDITA DE SUA
Ensaio para a Playboy, pós-operação

8

Acordando mulher

Nada supera a emoção que senti depois da operação ao fazer amor pela frente com um homem.

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio de uma sociedade: é o conjunto da civilização que elabora esse produto, intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino."

Simone Beauvoir, *O segundo sexo*

Roberta Close deixou o hospital Charing Cross em cadeira de rodas e foi se recuperar numa clínica próxima. Ela ainda usava sonda, estava muito fraca e tinha um doloroso aprendizado a partir daí. Teria que se acostumar com sua nova condição, aprender a ser mulher.

Sua primeira reação foi de pânico.

"Eu já não corria risco de vida, mas a segunda fase da operação foi muito dolorosa, porque era preciso usar um molde de acrílico três vezes ao dia para impedir que a vagina fechasse. Cada vez que eu colocava o molde, doía e sangrava. Além disso, ainda estava usando sonda, tudo muito desconfortável.

Só alguns dias depois é que a enfermeira tirou a sonda e me mandou fazer o xixi sozinha. Fiquei muito nervosa, com medo de não conseguir, mas deu certo. Era muito diferente do que eu tinha imaginado. E, como eu estava muito inchada, fiquei desanimada quando me vi no espelho. Será que eu tinha sofrido tanto para ficar assim horrorosa?

Eu me lembrei da minha mãe, de como ela me deu força quando telefonei falando sobre a operação, e decidi colaborar pra me recuperar bem rápido."

Roberta ainda ficou mais 15 dias em convalescência. Eduardo, o amigo brasileiro, ia visitá-la na clínica e a levava para passear num parquinho próximo, empurrando a cadeira de rodas.

Passaram-se as duas semanas, e estava na hora de decidir o que fazer da vida. Roberta optou por ir para a casa de duas amigas transexuais que moravam na Suíça e passou o restante da convalescência com elas.

A primeira noite de uma mulher

A indicação do médico era que Roberta esperasse três meses antes de voltar a fazer sexo, mas um mês e meio depois ela já estava indócil para fazer sua estréia, apesar da dilatação com o molde vaginal ainda ser dolorosa e provocar sangramentos diários.

"Um dia eu levantei da cama decidida a não esperar mais. Começei a sair à noite com a minha amiga Isabel. Íamos pras boates dançar, mas eu não podia beber nada porque ainda tomava os remédios. Até que, uma noite, numa festa, encontrei um suíço bem jovem que ficou encantado comigo. Ele era tão bonitinho! Louro, de olhos claros. Em segundos a gente se viu e já estava se agarrando na pista de dança. Eu senti que tinha chegado a hora.

Era a primeira vez que eu ia fazer sexo com um homem como uma mulher realmente de verdade! Passamos a madrugada dançando agarradinhos e ao sair da boate fomos pro apartamento da minha amiga. Rolava o maior clima entre nós. Ele foi tomar um banho e, enquanto eu o esperava, ouvia o barulho da água escorrendo e imaginava como ia ser, o que ia acontecer. Seria natural? Meu Deus, o que eu vou fazer?

As imagens dos filmes de amor passavam pela minha cabeça freneticamente. Comecei a ficar nervosa. Quase chorei de aflição. Mas depois resolvi relaxar, deixar que os gestos acontecessem normalmente. Procurei me acalmar, afinal ele

não sabia nada da minha vida. Se eu ficasse nervosa seria muito mais difícil.

Acabou rolando uma transa legal. Apesar do tesão, ele foi muito carinhoso comigo e a sensação que tive foi inesquecível. Quando a gente sente atração por uma pessoa tudo flui naturalmente. Ele me beijava, me abraçava, me dizia que eu era linda. Meu Deus, como eu tinha sonhado com aquilo. Ter um homem deitando em cima de mim, me possuindo. Ao ser penetrada de frente, como uma mulher, eu senti um prazer imenso. Era muito, muito gostoso.

No fim eu senti um pouco de dor, e percebi algum sangramento, mas a dor e o prazer se misturavam e a sensação foi de encantamento.

Eu sabia que a dor iria passar e, aos poucos, a Luiza que sempre existiu dentro de mim iria aflorar sem medo. A minha vida sexual seria normal. Todos os meus anos de luta ganhavam um novo sentido.

Eu estava muito feliz. Era como se um milagre tivesse acontecido. Eu estava unindo a minha cabeça e o meu espí-

rito ao meu corpo. Tinha a sensação de que todas as pontas estavam se juntando, de que tudo começava a se encaixar...

É claro que fiquei com medo de passar a minha insegurança para aquele homem. Porque eu não era uma mulher normal. Uma mulher, que nasce mulher, não precisa se esforçar pra nada. Ela já nasce segura em relação a comportamentos, atitudes. Eu estava cheia de dúvidas.

Será que está dando certo? Será que é assim que uma mulher faz? Como me comportar nessa ou nessa outra situação?

Aparentemente ele não notou nada. Parecia bem satisfeito. Foi uma daquelas noites de paixão que a gente guarda na memória. Ainda nos encontramos umas duas vezes, mas sabíamos não ser nada sério.

Depois da operação, comecei a procurar outro círculo de amizades, porque a minha vida tinha mudado. Eu agora precisava aprender a ser uma mulher de verdade, aprender a me relacionar com outras mulheres pra me sentir mais confiante."

Aprendendo a ser mulher

Embora já tenham passado quase dez anos, é difícil para Roberta Close fazer novas amizades. Ela tenta se afastar de seu antigo círculo de amigos, porque não se sente mais à vontade entre travestis e transexuais. Ao mesmo tempo, percebe a rejeição das pessoas "normais" e vive entre a família e uns poucos amigos que restaram. Ainda sente que é olhada com estranheza.

"A maioria das pessoas não fica à vontade ao meu lado. Tenho poucos e fiéis amigos. Em toda a minha vida, só conheci uma moça que tinha o sexo como o meu e era hermafrodita. Todos os outros amigos com quem me relacionava eram travestis e transexuais. Muitos deles gostariam de operar mas têm medo de não dar certo. Cada pessoa tem um mundo dentro de si e a decisão de operar ainda assusta muita gente. As pessoas só operam quando a necessidade interna é muito grande.

Eu conheço muitos transexuais infelizes. Eles lutam dia-a-dia com a natureza, que cada vez vem mais forte. Eles

acordam e sentem a barba crescendo, se desesperam e, ao mesmo tempo, não podem fazer nada.

O meu afastamento do Brasil foi justamente pra dar um tempo na minha cabeça. Porque eu sabia que aqui não ia adiantar nada eu ter operado. As pessoas iam continuar me tratando com o desrespeito de antes. Sempre que falavam de mim, me comparavam com travestis, debochavam dos meus sentimentos, como se eu não tivesse nascido diferente e lutado pela minha feminilidade.

Eu precisava sentir segurança no meu coração. Eu precisava viver como mulher. Não como Roberta Close, um personagem que eu criei pra brilhar. Eu queria viver numa cidade onde ninguém me conhecesse, e iniciar uma nova vida. Queria ser a mulher que existe dentro de mim, o meu lado mais íntimo, onde a Roberta Close não tem lugar. Por isso escolhi um desconhecido para estrear meu novo sexo.

Os brasileiros são muito indiscretos. Os poucos que namorei depois da operação falavam assim: "Mas como é que

era antes, hein? Deixa eu ver como é que ficou? Isso pra mim já era um corte total.

Se eu voltasse ao Brasil logo depois de operada, não conseguiria ter orgasmo, e ia viver presa ao fantasma do passado. E depois precisava me acostumar com meu novo corpo, descobrir qual era a posição que me dava maior prazer; enfim, a graça de ser mulher."

A necessidade de mudar foi tão grande, que logo depois da operação Roberta Close cortou o namoro com Eduardo, por dez anos sua paixão.

Um dos comentários que mais irrita Roberta Close é a dúvida em relação ao fato de ela ter orgasmo. Roberta diz que nunca teve problemas com relação a isso. Ir para a cama com um homem sempre foi prazeroso pra ela e seu orgasmo é uma conseqüência natural. Ela não entende por que as pessoas duvidam da possibilidade.

O assunto é controvertido, mas alguns médicos concordam que o orgasmo é possível mesmo nos casos de operações de mudança de sexo. O cirurgião Roberto Farina, por exemplo, afirma que depois

da operação o transexual conserva a sensibilidade porque as terminações nervosas são mantidas e, como mentalmente sente-se recompensado de poder ter relações com um parceiro de outro sexo, o orgasmo ocorre na maioria dos casos.

Já o urologista Marcos Gomes, formado pela UFRJ, e terminando um doutorado na Universidade Paulista de Medicina, não vê o porquê das dúvidas. Ele esclarece que o orgasmo é totalmente possível entre os transexuais e quaisquer outras pessoas, porque está ligado ao sistema central e acontece independente dos órgãos sexuais: "Ereção é igual à sensibilidade local e orgasmo é igual à sensibilidade central", explica. "Sabe-se hoje que até os paraplégicos podem ter orgasmo, mesmo sem sensibilidade, porque não há relação entre orgasmo e os órgãos sexuais. O que propicia o orgasmo é o sistema central — que é regido pelo cérebro, cerebelo e medula — e não o periférico, ligado aos nervos. Até dormindo se tem orgasmo", garante.

Depois de recuperada da operação, Roberta deixou a casa das amigas e foi para a Suíça francesa em busca de trabalho. Participou de alguns *shows* e em novembro de 89 voltou ao Brasil para ver a

família. Foi mal recebida pela mídia. A revista *Amiga* publicou uma reportagem com a opinião de diversos travestis sobre a operação.

"Os travestis foram pra mídia dizer que era uma pena eu ter me amputado, que agora eu estava castrada. Fui tratada com curiosidade e desrespeito e fiquei muito chocada. Eu me magoei muito, me senti ofendida. Ninguém tem o direito de me julgar. Eu é que tenho que escolher o que quero fazer com o meu corpo. É a minha vida! Eu é que sei o que é melhor pra mim.

Depois da operação, quando vim ao Brasil, me reuni com a minha família e tive uma conversa séria com eles. Pedi que me respeitassem porque eu já tinha sofrido muito e que eles não relembrassem o meu passado, porque lembrar me fazia sofrer, e agora o que eu precisava era de uma vida realmente nova.

Depois desse dia, o meu pai nunca mais me chamou de Luiz Roberto."

"Me sinto 100% mulher."

Recuperando-se da cirurgia de mudança de sexo, em 1989

Com a mãe, Maria, e o pai, Roberto

9

Os "mil" homens da minha vida

Os machões brasileiros sempre procuraram em mim um homem que não existia.

Como não encontravam, me pediam pra chamar um amigo ou dar um jeito.

Eles queriam ser possuídos.

Experimentem chegar em qualquer lugar e dizer que a Roberta Close está por perto. Se houver homens presentes, tenham certeza: muitos se sentirão imediatamente excitados. O efeito é instantâneo. Os mais desinibidos não escondem o interesse e começam a olhar para ela com o rabo do olho, gesticulando muito e querendo se aproximar. Os mais recatados se afastam e começam a fazer exercícios mentais imaginando como deve ser aquela morena sem roupa, sem conseguir evitar um olhar guloso e desconcertado. E os agressivos — cuidado com eles — assim que a vêem iniciam discursos moralistas contra o homossexualismo e o travestismo, num tom exageradamente suspeito.

O certo é que, onde quer que vá, ninguém fica indiferente à Roberta Close. Há sempre um *frisson* no ar e um mais atrevidinho soltando piada. Mas, geralmente, não passa disso. Porque se não houver uma apresentação de um amigo mais próximo, dificilmente algum estranho chega até Roberta Close.

Ela assusta os homens com seu passado ambíguo, embora corram as histórias mais inacreditáveis sobre seu comportamento sexual excessivamente liberal. Uma suposta prática de bacanais,

organizados por executivos poderosos em hotéis no Centro da cidade, em troca de muitos dólares, ou ainda de algumas dúzias de aventuras com brasileiros endinheirados que pagariam caro para tê-la a seu lado algumas horas.

"Se inventam das mulheres normais, imagina de mim? Todo mundo quer dizer que se achegou e aproveitou um pouquinho. Faz parte do *show*."

Roberta faz muxoxo quando ouve falar em suas aventuras e diz que, se tivesse tanto apetite, já estaria acabada. Fofoca e disse-me-disse sempre andaram colados com ela.

"Ser Roberta Close é muito complicado. As pessoas têm uma idéia totalmente falsa sobre o meu comportamento. A maioria me confunde com travestis e pensa logo que eu sou promíscua, drogada, prostituta, que só penso em sair por aí conquistando homens e ganhando dinheiro fácil. É um equívoco completo. A única coisa que me faz diferente dos outros é a minha história, porque, de resto, vivo uma vida normal. Durmo

cedo, raramente participo de noitadas, bebo pouquíssimo. Mas quem não me conhece fica logo imaginando coisas. E o que tem de desconhecidos que se aproximam de mim puxando conversa, é incrível! Outro dia mesmo, eu fui abrir conta num banco e veio um sujeito me cumprimentar, efusivamente, dizendo ter estudado comigo na Escola Técnica. Ora bolas, eu nunca estudei na Escola Técnica! Mas fiquei sem graça de estragar a fantasia do cara. Então, disfarcei, disse qualquer coisa e pra não estender a conversa me despedi e saí do banco sem abrir a conta."

Quando começou a ficar famosa, Roberta Close virou o arroz-de-festa dos colunáveis cariocas. Os fotógrafos da noite têm fotos dela abraçada a quase todos os bons partidos da cidade. Todo mundo queria convidá-la para sua casa e isso incluía tanto representantes do sexo masculino quanto do feminino. Algumas conhecidas *promoters* chegaram a se empenhar pessoalmente em apresentá-la ao *high society*, e Roberta conquistava a todos com sua juventude e inesperada sinceridade.

Ela fez tanto sucesso que arrumou namorados poderosos. Um deles, já falecido, e de quem até hoje ela sente saudades, morava na

avenida Atlântica, num edifício muito badalado principalmente durante o *revéillon*. No apartamento não faltava uma sala de ginástica e uma belíssima coleção de quadros. Ali Roberta era recebida e entre os beijos efusivos e as demonstrações de carinho passava noites ouvindo música clássica e aprendendo a conhecer pintura. O rapaz adorava artes plásticas.

"Eu me lembro que, nessa época, eu conheci uns homens muito loucos. Um deles, de terno e gravata, me surpreendeu no primeiro encontro ao tirar a roupa: estava usando *lingerie* rendada e queria que eu o maquiasse. Usava a cinta-liga da mulher dele e não sossegou enquanto eu não fiz a sua vontade.

Um outro ofereceu-se pra me levar a um baile na Urca e pagou maquiagem e cabeleireiro pra que eu o acompanhasse. Mas na hora da festa desistiu. Ele dizia que era de uma família muito rica e que tinha vergonha de mostrar esse seu lado em público, mas comigo se soltava.

Tive também um romance com um louro de olhos claros, esportista, e por pouco não me tornei, por causa da altu-

ra, uma jogadora de volei tão experiente como as da seleção. Eu o conheci numa boate, saímos e namoramos durante um mês. Foi um romance às escondidas porque eu era muito famosa e a Imprensa vivia querendo descobrir os meus namorados."

Ao falar destas aventuras Roberta faz questão de dar a entender que elas aconteceram numa outra época, com um personagem distante. Durante as entrevistas não me censurava, pelo contrário, dizia que eu podia perguntar o que quisesse em relação a sexo, numa clara demonstração de que não há uma prática que não tenha experimentado.

Taras e fantasias

"Todo mundo tem suas fantasias inconfessáveis. Quando se nasce como eu, diferente, há mais chance de elas se realizarem."

Cantadas de mulheres ela recebeu e continua recebendo várias, algumas de *socialites* bem badaladas.

Ricardo Amaral, em 1984, quase provocou uma confusão num baile de Carnaval declarando à Imprensa que ela estava de caso com a *socialite* Noelza Guimarães. Mas Roberta logo, numa entrevista à *Playboy*, negou ter havido tal tipo de relacionamento.

> "Veja só a Noelza passar por sapatão! Imagino como ela apreciou a piada. Essa fofoca me aborreceu porque ela é uma pessoa gentil, minha amiga. Mas é normal inventarem romances de quem se aproxima muito de mim."

Roberta não entende por que insistem em ligá-la a sapatões e homossexuais. Faz questão de enfatizar que gosta mesmo é de homem.

> "As mulheres que são bem resolvidas sexualmente se aproximam de mim e conversam sem rivalidade, mas há muitas mal-amadas que ficam querendo disputar os homens comigo. Há também as homossexuais que me perseguem em todos os lugares. O que eu posso fazer se não sinto o menor interesse? Nasci para fazer amor e dar prazer aos homens. O igual não me atrai."

Taras e sadomasoquismo? Dependendo da situação e do parceiro, ela acha válido.

"Você tem que ser muito liberal para curtir um fetiche, usar roupas de couro, liberar umas fantasias. Um dos homens com quem tive uma aventura gostava que eu o chicoteasse. Ele buscava uma mulher forte, de personalidade. Era um manda-chuva, um homem poderoso, com muitos empregados, e me disse que queria sentir na pele como era ser mandado. Ele me encontrava, levava um chicote, se ajoelhava no chão e pedia que eu batesse nele, o chutasse, o tratasse mal.

'Me chama de escravo, diz que você é minha rainha', implorava. 'Maravilhosa! Deixa eu beijar o dedão do seu pé? 'Manda em mim, manda em mim. Peça o que quiser que eu obedeço.'

Eu achava engraçado tudo aquilo e fazia aquelas cenas como se fossem teatro.

'Você é o meu escravo, eu sou a sua rainha.' E chutava ele, empurrava, dando risadas. E eu me sentia superpodero-

sa e ele satisfeito porque tinha realizado aquele desejo. Mas foi apenas um caso esporádico. Foram apenas três encontros, logo me cansei. Eu nunca teria um homem assim perto de mim no dia-a-dia. Foi só uma aventura, uma experiência a mais.

Acho, inclusive pelo que percebo nas pessoas, que o futuro do sexo é o sexo virtual. Hoje em dia, ter um contato mais íntimo com os outros dá tanto medo que já tem gente que se contenta em até fazer sexo via computador."

Roberta garante que os europeus são mais ousados que os brasileiros em matéria de fantasias e taras.

"O brasileiro, em geral, sofre e sente ciúmes, ama com intensidade, e é mais careta na relação. E, quando gosta, insiste em ficar com a mulher. O europeu é mais frio."

Mas mesmo sendo tão liberal em suas relações, Roberta Close garante que só se apaixonou duas vezes. Tem medo de se entregar.

"Nunca fui de viver sozinha. Eu me sinto mais mulher com um homem ao meu lado. Mas sou meio dura na

queda, porque, quando você entrega o seu coração a alguém, você perde o controle e tem gente que é mau caráter e aproveita pra brincar com você, mas logo lhe deixa de lado.

Com o Roland tem sido muito gostoso. Fomos nos ligando aos poucos. Pra ele eu não sou Roberta Close. Ele me conheceu como Luiza e é assim que me trata. Nos falamos pelo telefone todos os dias quando não estamos juntos. Ele é do signo de peixes, muito romântico, me manda *faxes* com desenhos amorosos, faz com que eu me sinta amada de verdade. Gosto de chamá-lo de neném e ele me chama de chuchu e amorzinho."

Mas até conhecer Roland, Roberta Close sofreu muito. Teve duas paixões por homens que gostavam de bater nela. Vivia deprimida, com o rosto machucado.

"Um deles, em especial, tinha prazer em me dar tapas. Tenho várias cicatrizes desses ataques de raiva. Eram homens muito ciumentos e só consegui me livrar deles porque saí do

Brasil e fui morar na Europa. Com os suíços isso nunca me aconteceu. Eles são calmos e quando gostam de alguém são muito verdadeiros. Não são de trair a gente como os italianos e os brasileiros que são casados e tem duas, três, mulheres na rua."

"Nunca precisei falar o nome dos meus amantes. Sou uma pessoa pública. Não preciso dos outros pra aparecer."

O disse-me-disse

Sobre sua primeira e mais longa paixão, Roberta declara:

"Apesar de ele ter sido muito amigo, com o tempo foi ficando muito agressivo. E acabamos nos separando porque ele queria continuar vivendo uma situação dupla, e isso me incomodava."

Roberta na cabeça de todos os homens já teve mil e um amantes. Quem provou, não conta, e quem não provou, sonha. Nas rodas boêmias da cidade há quem fale que Roberta Close faz o gêne-

ro insaciável. Que teve casos de amor ardentes com um bombeiro; com um milionário colunável paulista; com um astro do futebol; com o diretor de uma multinacional; com um banqueiro; com um pastor evangélico que, apaixonado, desistiu de ler a Bíblia na porta de sua casa; com um fogoso ex-Presidente; com um deputado; com um apresentador de TV; e até com galãs de novelas. Um disse-me-disse só. Roberta é taxativa:

> "Não vou falar sobre esse assunto, nem enumerar minhas conquistas. Sou famosa o suficiente e não preciso ficar citando nomes."

Em 1984, depois da música de Erasmo e Roberto Carlos em sua homenagem, os jornais chegaram a noticiar um possível romance entre Roberta e Erasmo.

"Erasmo Carlos desmente romance com Roberta Close" foi a manchete do jornal *Notícias Populares*. Ainda assim, a dupla saiu na capa da *Manchete* e havia quem jurasse que eles estavam enamorados. Por infeliz coincidência, a mulher de Erasmo na época sofreu um aci-

dente com um revólver dentro de casa e logo puseram a culpa em Roberta. Mas ela jura que não teve nada com o Tremendão.

"Era só publicidade. Nós apenas fizemos um vídeo-clipe com a música, nunca rolou nada. Muitas mulheres me paravam na rua e me agrediam dizendo que eu era uma destruidora de lares, mas juro que não tive nada com o Erasmo. Foram apenas relações de trabalho."

Pouco depois, seu nome aparecia nas manchetes das revistas de televisão, ligado a um galã com quem Roberta fazia uma peça de teatro. Roberta prefere não comentar o que classifica de "águas passadas".

Outro ator que teve seu nome envolvido com o de Roberta Close foi Eddie Murphy. Ela o conheceu em Nova York em 1990, ao sair de uma boate acompanhada de um amigo comum, um transexual. Os dois foram apresentados, mas não aconteceu nada além de um bate-papo.

"Pra mim não importava se ele era ou não famoso. Como homem não me interessou. Não cheguei a sair com ele

porque não me senti atraída nem pela sua conversa e nem pelo seu jeito. Mas quem saiu garante que não se arrepende."

Ela tem também algumas fotos ao lado de Gerard Depardieu, a quem foi apresentada, ainda no Brasil, numa boate, e os dois se reencontraram na França numa discoteca.

"Ele me cumprimentou efusivamente e fiquei feliz porque acho que ele é um dos maiores atores do mundo."

Olhando para trás, agora que está com um companheiro ao lado, Roberta desdenha do passado. Afirma que, de um modo geral, todos os homens bem-nascidos que a procuraram — e não foram poucos — deixaram a desejar.

"Quanto mais ricos, piores. A maioria é pervertida, é viciada em cocaína, e, quando nos encontrávamos, só pensavam em me usar para satisfazer as suas fantasias. Um deles, filho de um governador, me recebia em palácio já completamente drogado e não se conformava de eu não atuar como um travesti. Não bastava fazer sexo com ele, ele queria ficar passi-

vo, mas esse era um barato que eu nunca pude proporcionar a ninguém. Por isso me operei. Além de ser sempre passiva na relação, eu fazia sexo anal porque não tinha outra opção, mas não ficava à vontade e nunca fui de exibir o meu sexo pra quem quer que fosse."

As fantasias sobre ela são tantas e tão disparatadas que até mesmo um amigo meu, psicanalista, acreditou em uma delas e passou adiante. Segundo ele, nos anos 80, Roberta ganhava a vida como modelo-vivo dos estudantes de pintura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na Zona Sul do Rio, posando nua para diversas turmas. E mais, a cada início de ano letivo, ao ser apresentada à turma, era precedida por seu namorado da época que pedia aos estudantes que a tratassem com carinho, porque Roberta era uma pessoa muito delicada. Achei a história ótima e fui confirmar. Era delírio puro de quem contou para o meu amigo.

"O que eu fiz no Parque Lage foram algumas cenas do filme francês *Si tu vas à Rio ... tu meurs*, onde eu nem tirava a roupa", divertiu-se Roberta, desmentindo a história.

Nem mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida — entre os seus 14 e seus 17 anos — quando ela precisava desesperadamente sobreviver sem perder sua dignidade, Roberta Close optou pela prostituição. Mas a toda hora lhe ofereciam essa possibilidade. Ela vivia num meio onde tudo era permitido, o proibido era legal e muitas vezes se viu envolvida em situações-limites.

"Quando o meu pai me expulsou de casa eu tinha apenas 14 anos. Era uma criança.

É claro que todo mundo se aproximava de mim querendo se aproveitar. Eu podia ter me acabado, mas sempre soube me proteger, sempre tive medo de entrar em situações muito pesadas.

Drogas, por exemplo, nem pensar. Eu via ao meu lado um monte de gente infeliz, porque estava na mão dos traficantes. Eu sabia que não ia ser nada bom me envolver com drogas, só me traria mais problemas, por isso sempre me recusei a cheirar cocaína ou usar qualquer outra droga pesada. Sempre quis ter o controle da minha vida. É fácil confirmar isso. Sou

facilmente encontrável em casa e jamais dei vexame em lugares públicos, aparecendo bêbada ou drogada."

Embora demonstre tanta segurança em relação à sua integridade, Roberta Close sempre conviveu com propostas sedutoras e desvairadas. Por uma noite de amor lhe ofereciam fortunas. Era gente propondo sexo grupal, casais enfastiados por anos de casamento frustrado querendo fazer com ela o *ménage à trois*; *voyeurs* que não queriam nada, apenas admirá-la.

Catherine Deneuve no filme *A bela da tarde* — sobre uma mulher casada que passava as tardes se prostituindo — foi uma freira diante do que ouviu, viu e viveu Roberta Close.

Talvez por causa de tanta transgressão no passado — ela não nega já ter tido muitos parceiros — Roberta hoje tenha enjoado e insista em manter um estilo *jeune fille* dentro de casa.

"Até hoje me oferecem muito dinheiro. Se eu fosse interesseira, fazia um contrato com um telefone desses 0900 e ia ficar rica só respondendo sobre minhas preferências sexuais."

Roupas transparentes, postura de mulher fatal, desinibição frente às câmeras são características de Roberta Close.

Na intimidade, Luiza Gambine gosta muito de ser cortejada como uma princesinha de contos de fadas. Anda sem maquiagem, faz trejeitos de menina.

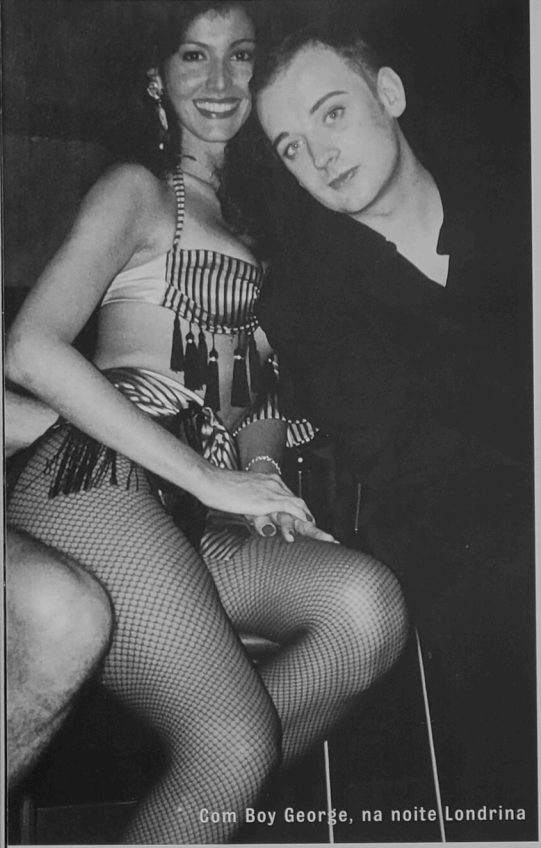
"Só os muito íntimos, que me conhecem de verdade, sabem como sou delicada e exigente nas minhas relações. Preciso de muito carinho pra poder amar."

"Se desse a lista dos homens que me fizeram propostas grosseiras, seria uma comoção nacional."

Com Depardieu, em Nova York

Loucuras na noite, com Cazuza, um de seus fãs

FOTO: ROSEAN FREITAS



Com Boy George, na noite Londrina

10

De volta para o futuro

O que eu quero é uma identidade feminina.

Chega de sofrer extorsões e constrangimentos.

FOTO: TRIPOLLI

Diante de tantas conquistas o que falta para Roberta Close sentir-se definitivamente Luiza Gambine é conseguir mudar na identidade e nos papéis oficiais seu nome e sexo. No fim deste ano, ela entrará com mais uma ação na Justiça, tentando, outra vez, obter o nome feminino.

Nos últimos sete anos, Roberta conviveu com a burocracia brasileira e com o conservadorismo da Justiça diante de questões assim delicadas.

A luta pela identidade feminina

Quando sua advogada Maria Daisy de Oliveira Cisneyros deu entrada no processo pedindo a mudança de nome em maio de 91, as duas chegaram a comemorar a vitória, porque a juíza Conceição Mousnier, da 8ª. Vara de Família, aceitou o pedido de mudança de nome. A animação entretanto durou pouco. Logo depois, uma apelação da promotora Marilza Matos Mendes deixava o resultado do processo em suspenso, até que, em 1994, os desembargadores do Tribunal de

Justiça do Estado, sob a alegação de que ela não poderia ser considerada mulher porque não podia ter filhos, arquivaram os sonhos de Roberta Close por tempo indeterminado.

Até agora no Brasil somente outras duas pessoas conseguiram mudar oficialmente de nome — o pioneiro Celso William dos Santos que, desde 1985, é conhecido como Luciana dos Santos através de uma decisão do juiz de Mangaratiba, Marco Antonio Ibrahim, e o pernambucano Severino do Ramo Afonso, que, quatro anos depois, conseguiu em Recife ganho de causa e virou Silvia do Ramo Afonso. Ambas casaram e vivem maritalmente.

A advogada de Roberta acredita que se for à Justiça novamente Roberta conseguirá a mudança de nome "porque a sociedade já está mais aberta para estas questões, ao ponto de a deputada Martha Suplicy estar se batendo por uma lei que permita o casamento de homossexuais, o que há dois anos era impensável. Tudo isso ajuda os desembargadores na hora da decisão".

Para Daisy é perigoso que Roberta continue circulando pelo mundo afora com um passaporte tão contrário a sua aparência. Ela lem-

bra que cenas como a do aeroporto de Heathrow podem tranqüilamente acontecer de novo, pondo em risco a integridade física de sua cliente.

A luta de Roberta Close pela identidade feminina virou um laudo pericial de 58 laudas. Para se ter idéia da complexidade das exigências, Roberta enfrentou uma banca formada pelos médicos Luiz Eduardo Lima, clínico geral, a ginecologista Rufa Donatha da Rocha e o psiquiatra Luís Fernando de Melo. Eles a examinaram e responderam a um questionário de mais de trinta perguntas comprovando sua feminilidade e a necessidade da mudança de seu nome na identidade.

As respostas conclusivas, constantes no laudo médico, confirmam que "o novo sexo de Roberta Close possui profundidade e elasticidade normal ao toque digital, que ela tem equilíbrio emocional e que seu perfil hormonal é semelhante ao de uma mulher que faz uso de anticoncepcional".

> "É uma luta tão grande que às vezes me pergunto se vale a pena insistir só para ter o prazer de ver o meu nome combinando com o meu corpo."

Devota de Santa Rita de Cássia

Roberta, que já foi adepta do tarô, é devota de Santa Rita de Cássia e, quando pode, tem o hábito de ir à igrejinha no Centro do Rio de Janeiro pedir proteção, mas nem lá encontra a paz.

"Quando estou na igreja as pessoas ficam me olhando como se eu fosse incapaz de rezar. Mas eu tenho sentimentos católicos dentro de mim. A minha mãe, muito religiosa, me ensinou a respeitar a Igreja. Não vou com freqüência porque não encontrei o conforto que eu esperava. Gostava de me confessar, sentia muita culpa, mas a Igreja católica não entende uma pessoa como eu. Prefiro rezar comigo mesma. Peço muito a Deus para ter piedade de mim.

Sou devota de Santa Rita de Cássia desde pequena. Fiquei muito impressionada quando soube a sua história. Antes de ser freira ela sofreu muito. Teve dois filhos, mas não foi uma mulher feliz e decidiu entrar pro convento. Pediu a Deus uma provação pra demonstrar sua fé e morreu com uma

ferida na testa, como se fosse um espinho de Jesus Cristo. Gosto tanto dessa santa que ando com uma imagem dela na minha bolsa, e da qual não me separo nunca. Já quis até visitar a cidade dela, em Cássia, mas ainda não pude realizar esse desejo. Sempre que tenho um problema eu vou à igreja pedir ajuda a santa Rita."

Roberta Close não nega que se preocupa com o futuro. Pensa em voltar a viver no Brasil; quem sabe fazer televisão, cinema, abrir um pequeno negócio, talvez um restaurante com seu nome — *Chez Close* — ou uma franquia de modas. Também não deixa de pensar na compra da casa na Barra da Tijuca para viver com a mãe em tranqüilidade. Filhos nem pensar. Ela gosta muito de crianças, trata a sobrinha mais nova como uma irmãzinha, mas sabe que uma adoção provocaria muita confusão, e só quer viver em paz. Hoje, ela sente que já é vista sem tanto preconceito pelos brasileiros, mas, realmente, não sabe se seria bem-vinda se decidisse mudar-se de vez para cá.

Um dia ao lado de Roberta nunca é igual ao outro. Ela está sempre atendendo solicitações que chegam de todo o Brasil para en-

trevistas, aparições, fotos. É difícil fazê-la ficar parada por mais de duas horas. Roberta, apesar de sua calma ao falar, rapidamente passa, de um assunto para outro, às vezes embaralha as coisas, na ânsia de explicar seus sentimentos. Ela acorda cedo, não tem o hábito de fazer ginástica, no máximo vai até a praia para se bronzear. Come pouquissímo, está sempre preocupada em não engordar.

A mãe, d. Maria, é uma espécie de anjo da guarda, a quem ela recorre a qualquer hora para pedir ajuda. Gosta de ouvir sua opinião sobre tudo.

O desejo de se fazer entender, de contar como conseguiu sobreviver, faz com que ela não se canse de recontar pela milésima vez um pedacinho de sua história para um jornalista insaciável.

O início de 98 significou para Roberta a realização de mais um desejo antigo: o de contar sua trajetória, sem medo de ser mal interpretada. Roberta Close tem consciência de que é uma sobrevivente, em todos os sentidos que possa ter essa palavra. O roteiro que traçou para sua vida está praticamente fechado, mas ela não desiste de um *happy end*.

"Minha luta continua e só terá fim quando eu puder assinar Luiza Gambine no documento de identidade."

Santa Rita de Cássia, devoção total

FOTO: MARCIA RAMALHO

Posfácio

Com esse livro eu tenho, enfim, a oportunidade de resgatar a minha identidade, perdida na mídia, contando toda a minha história.

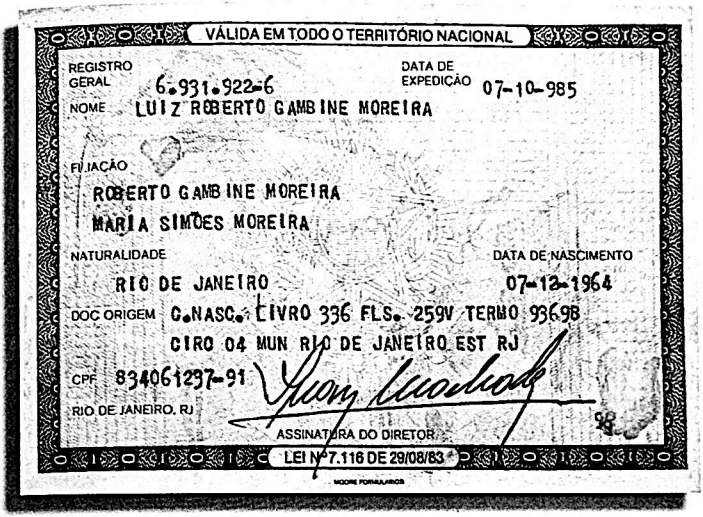
Foi um trabalho exaustivo, mas o resultado final, tanto pra mim quanto para Lucia, acredito que foi positivo. Para ela porque, como jornalista, mergulhou num mundo desconhecido e, para mim, porque encontrei nela uma jornalista experiente, uma mulher realizada, mãe, capaz de relatar as minhas angústias e experiências com muita sensibilidade. Sem preconceitos.

Meu desejo é que *Muito Prazer, Roberta Close* sirva de reflexão e não de julgamento sobre a minha condição como pessoa.

Gostaria que os leitores, a partir de agora, me vissem como cidadã, como alguém que, integrada à comunidade onde vive, quer voltar a viver no Brasil com uma identidade que corresponda à sua nova realidade.

Roberta Close — março, 1998

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DA POLÍCIA CIVIL
DGPC/DPT/INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO FÉLIX PACHECO
POLEGAR DIREITO
ASSINATURA DO TITULAR
CARTEIRA DE IDENTIDADE



VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL 6.931.922-6

DATA DE EXPEDIÇÃO 07-10-985

NOME LUIZ ROBERTO GAMBINE MOREIRA

FILIAÇÃO
ROBERTO GAMBINE MOREIRA
MARIA SIMÕES MOREIRA

NATURALIDADE
RIO DE JANEIRO

DATA DE NASCIMENTO
07-12-1964

DOC ORIGEM C.NASC. LIVRO 336 FLS. 259V TERMO 93698
CIRO 04 MUN RIO DE JANEIRO EST RJ

CPF 834061297-91

RIO DE JANEIRO, RJ

ASSINATURA DO DIRETOR

LEI Nº 7.116 DE 29/08/83

MODELO FORMULÁRIOS

Referências Bibliográficas

Arquivo das revistas *Manchete, Fatos & Fotos, IstoÉ, Veja.*

Arquivo do *Jornal do Brasil* e de *O Globo.*

Barros, Inajá Guedes. "Intersexualidade", *in Revista dos Tribunais*, vol. 655, p. 228.

Benjamim, Harry. *Il fenomeno transessuale*, Astrolabio, Roma, 1968, p. 283.

Beauvoir, Simone. *O segundo sexo*, Ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.

Chilland, Colete. *Mudança de sexo*, Ed. Odile Jacob, França, 1997. Grimal, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1993, p. 223.

Farina, Roberto. *Transexualismo, do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das parafilias*, Ed. Novatunar Gráfica e Editora, São Paulo, 1982

_____ e \ Gláucio Farina. *Cirurgia estética e reparadora*, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1997.

Platão. *O Banquete*, tradução de Jorge Paleikat, Ediouro, Rio de Janeiro, 1993.

Scnick, Valdir. "Aspectos jurídicos da operação de mudança de sexo", *in Revista da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo*, nº. 35, junho de 1991, p. 213.

Stoller, Robert. *Recherches sur l'identité sexuelle à partir du transexualisme*, Ed. Gallimard, Paris, 1987, p. 406.

.____ e *Masculinidade e feminilidade*, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.

Thevenot, Xavier. *Repères éthiques pour un monde nouveau*, Mulhose. Salvator, I Vol., 1982, p. 167.

Vieira, Tereza Rodrigues. *Mudança de sexo, aspectos médicos, psicológicos e jurídicos*, Livraria Editora Santos, São Paulo, 1996.

Mas seria injusto destinar este livro às fronteiras narrativas de uma simples biografia. Ao descrever a vida de Roberta Close, Lucia elaborou um fascinante estudo sobre os limites da sexualidade, as linhas que separam o masculino do feminino, as relações entre prazer e culpa, as amarras do preconceito. É impossível não se admirar com a escancarada sinceridade com que Roberta Close vem se expor ao público. Nem com a técnica e inteligência de boa repórter com que Lucia Rito dispôs-se a tomar seu depoimento e ir além. De um lado, uma mulher (?) interessada em pôr para fora todos os seus fantasmas. Do outro, uma profissional atenta, interessada em descobrir o que está por trás de cada revelação. O resultado é um livro surpreendente que se lê com... muito prazer.

Arthur Xexéo – colunista do *JB*